

# MÁGAZINE CULTURAL

LISBOA  
PORTO  
N.º 22  
JAN—MAR  
2025

Atividades de cultura e outras que nem tanto

El Corte Inglés



## A nossa Montanha Mágica editorial por Susana Santos

A nossa Montanha Mágica está no 6.º piso do El Corte Inglés e enquanto a não batizarmos com nome e apelido, chama-se Sala de **ÂMBITO CULTURAL**. É lá que o desafiamos a interpretar, com certa distância, como se recomenda a quem reflete, a história recente e a mais afastada, o mundo de ontem e o de hoje, a arte, a ciência e a literatura.

Iniciamos 2025 com uma programação inchada de temas e atolada de provocações, inspirada por essa *Montanha Mágica* centenária, que é um dos clássicos a partir de onde nos propomos estudar os humanos.

Mas como a literatura não se faz só de passados que perduram, também convidámos os intelectuais para falarem dos livros de agora, das vidas de hoje e das guerras de ontem, para ver se entendemos as que se avizinham já amanhã.

Aqui dentro da nossa caverna escavada na montanha há também revoluções e melodias, há poemas e há magias, enfim, há gente boa que gosta de ouvir os outros, protegidos que estamos por opiniões informadas.

Também temos praças, como a da Fundação Francisco Manuel dos Santos, que se abrem para mostrar ensaios que respondem ou então nos obrigam a mais perguntas. Aqui fica o convite para subir até à nossa Montanha Mágica. Visite-nos lá, nesse lugar onde podemos olhar o mundo a partir de uma perspetiva mais desafogada, para o entendermos um pouco melhor.

Na crónica desta edição, Patrícia Reis assegura-nos que a Cultura salva. Nós, no **ÂMBITO CULTURAL**, optamos por não emitir opinião, mas pelo sim pelo não, venha cá testar a teoria!

**ÂMBITO  
CULTURAL**  
El Corte Inglés

O El Corte Inglés entende, por herança do seu fundador, que deve retribuir à sociedade uma parte do que dela recebe. Neste sentido, criou a marca **Âmbito Cultural**, que é uma das suas expressões de responsabilidade social corporativa e que visa a organização de atividades de promoção do conhecimento e de difusão de valores culturais junto dos cidadãos, contribuindo para o seu desenvolvimento e enriquecimento pessoal e, coletivamente, para o progresso da sociedade em que se insere.

6 JAN — SEGUNDA-FEIRA

### A Palavra menos a Língua

Performance Pág 4

8 JAN — QUARTA-FEIRA

### A Escuta do Mundo

Conferência Pág 5

10 JAN — SEXTA-FEIRA

### Noble et Sentimental

Conferência Pág 6

13 JAN — SEGUNDA-FEIRA

### IA: Bênção ou Maldição?

Lançamento Pág 7

13 a 29 JAN

### As Civilizações da Mesopotâmia

Curso Pág 8

14 e 16 JAN

### Uma Viagem pelo Lied Alemão

Conferências Pág 9

15 JAN — QUARTA-FEIRA

### Um Planeta em Desequilíbrio

Conferência Pág 10

16 JAN a 13 FEV

### Personagens da História de Portugal

Curso Pág 11

17 JAN — SEXTA-FEIRA

### O Estado da Política no Ocidente

Conferência Pág 12

### Da Vinha ao Vinho

Lançamento Pág 14

21 JAN — TERÇA-FEIRA

### Metamorfoses de Ovídio

Conferência Pág 15

24 JAN — SEXTA-FEIRA

### Surpresas da Pesca

Poema Pág 16

27 JAN — SEGUNDA-FEIRA

### Best of Executiva 10 Anos

Lançamento Pág 18

28 JAN — TERÇA-FEIRA

### Porrina de Badajoz

Flamenco Pág 18

29 JAN — QUARTA-FEIRA

### O Mundo Está Doente

Conferência Pág 10

30 JAN — QUINTA-FEIRA

### O Preço da Poluição

Conferência Pág 20

31 JAN — SEXTA-FEIRA

### Solistas da Metropolitana de Lisboa

Concerto Pág 19

3 FEV — SEGUNDA-FEIRA

### Para Uma Ética do Futuro

Conferência Pág 22

4 FEV — TERÇA-FEIRA

### Montanha Mágica: Literatura e Filosofia

Conferência Pág 23

5 FEV — QUARTA-FEIRA

### Aprender

Conferência Pág 20

### Por que esquecemos?

Conferência Pág 24

7 FEV a 7 MAR

### Lisboa: História de uma Cidade

Curso Pág 26

11 FEV — TERÇA-FEIRA

### Montanha Mágica: Literatura e Música

Conferência Pág 23

12 FEV — QUARTA-FEIRA

### IA Generativa: Riscos ou Benefícios?

Conferência Pág 20

### O Cemitério Autoral

Conferência Pág 24

13 FEV — QUINTA-FEIRA

### Anuário Lusa 2024

Lançamento Pág 27

17 FEV a 17 MAR

### Rainhas de Portugal

Curso Pág 28

18 FEV — TERÇA-FEIRA

### Cartas da Terra

Conferência Pág 15

18 FEV a 25 MAR

### Novos Grandes Livros

Curso Pág 29

19 FEV — QUARTA-FEIRA

### A Escuta do Mundo

Conferência Pág 5

20 FEV — QUINTA-FEIRA

### Promessas Malogradas da 1.ª República

Conferência Pág 30

25 FEV a 25 MAR

### Medicina Energética

Oficinas Pág 31

27 FEV a 3 ABR

### Economia e Finanças para Iniciados

Curso Pág 32

28 FEV — SEXTA-FEIRA

### O Desconcerto das Nações

Conferência Pág 13

5 a 19 MAR

### Camilo Castelo Branco

Curso Pág 33

7 MAR — SEXTA-FEIRA

### A Inevitável Ditadura

Conferência Pág 30

12 MAR — QUARTA-FEIRA

### Coimbra de Outrora

Conferência Pág 21

14 MAR — SEXTA-FEIRA

### A Poesia não Dorme

Poema Pág 17

18 MAR — TERÇA-FEIRA

### Frei Luís de Sousa

Conferência Pág 15

19 MAR — QUARTA-FEIRA

### A Escuta do Mundo

Conferência Pág 5

21 MAR — SEXTA-FEIRA

### Um Lanche Musical

Concerto Pág 19

26 MAR — QUARTA-FEIRA

### Turismo, Desenvolvimento, Exclusão?

Conferência Pág 21

2 ABR — QUARTA-FEIRA

### Jornais: Resta a Última Página?

Conferência Pág 21



**Gonçalo Viana** Ilustrador desta edição

De Lisboa, onde concluiu o curso de arquitectura, Gonçalo Viana mudou-se para Macau e aí assinou as suas primeiras colaborações no âmbito da ilustração editorial. Viveu alguns anos em Londres, trabalhando como arquitecto, sem nunca perder de vista a ideia de tornar-se ilustrador, carreira que iniciou em 2002. Da formação em arquitectura perdurou o vínculo à geometria, que desde cedo lhe pontuou o trabalho gráfico e continua a estruturar o seu trabalho de ilustrador. Tendo já publicado nos principais títulos da imprensa portuguesa, as suas ilustrações são também presença assídua em publicações internacionais.

6 a 8 JAN

### **Uma História da Arte Portátil**

Curso Pág 34

9 JAN — QUINTA-FEIRA

### **A Escuta do Mundo**

Conferência Pág 5

13 JAN — SEGUNDA-FEIRA

### **António: 50 Anos de Humores**

Lançamento Pág 35

14 JAN a 11 FEV

### **História da Ciência em Portugal**

Curso Pág 36

15 a 23 JAN

### **História Popular de Portugal**

Curso Pág 37

17 JAN — SEXTA-FEIRA

### **A Palavra Menos a Língua**

Performance Pág 4

20 e 27 JAN

### **Geografia de Camilo**

Conferências Pág 38

23 JAN — QUINTA-FEIRA

### **Jantar Vínico**

Gastronomia Pág. 50

24 JAN — SEXTA-FEIRA

### **O Estado da Política no Ocidente**

Conferência Pág 12

26 JAN — DOMINGO

### **Além das Nuvens**

Atividade Infantil Pág 51

29 JAN — QUARTA-FEIRA

### **Bartleby, o Escrivão**

Conferência Pág 39

30 JAN — QUINTA-FEIRA

### **História de poemas em Alexandre O'Neill**

Poemar Pág 40

### **Gourmet WineBar Experience**

Degustação Pág 50

31 JAN — SEXTA-FEIRA

### **Noble et Sentimental**

Conferência Pág 42

1 a 22 FEV

### **A Pólis Entre 10 Filósofos**

Curso Pág 42

5 FEV — QUARTA-FEIRA

### **Palavras Descruzadas**

Conferência Pág 43

6 a 21 FEV

### **As Revolucionárias**

Curso Pág 44

12 FEV — QUARTA-FEIRA

### **David Lloyd & Sérgio Almeida**

Concerto Pág 45

18 FEV — TERÇA-FEIRA

### **A Montanha Mágica**

Conferência Pág 46

20 FEV — QUINTA-FEIRA

### **A Escuta do Mundo**

Conferência Pág 5

### **Gourmet WineBar Experience**

Degustação Pág 50

23 FEV — DOMINGO

### **Contos sem Pés nem Cabeça**

Atividade Infantil Pág 51

25 FEV a 31 MAR

### **Cor das Palavras**

Exposição Pág 47

26 FEV — QUARTA-FEIRA

### **Nós e as Árvores na Ca(u)sa Comum**

Conferência Pág 43

27 FEV — QUINTA-FEIRA

### **Clássicos de Shakespeare**

Conferência Pág 39

### **Jantar Vínico**

Gastronomia Pág. 50

28 FEV a 28 MAR

### **Tão Longe e Tão Perto**

Curso Pág 48

3 a 31 MAR

### **Islão**

Curso Pág 49

6 MAR — QUINTA-FEIRA

### **O Desconcerto das Nações**

Conferência Pág 13

19 MAR — QUARTA-FEIRA

### **Frankenstein: ou o Prometeu Moderno**

Conferência Pág 39

20 MAR — QUARTA-FEIRA

### **A Escuta do Mundo**

Conferência Pág 5

### **Gourmet WineBar Experience**

Degustação Pág 50

26 MAR — QUARTA-FEIRA

### **Uma Diversa Liberdade Poética**

Poemar Pág 41

27 MAR — QUINTA-FEIRA

### **Cultura e Ciência na Medicina**

Conferência Pág 50

### **Jantar Vínico**

Gastronomia Pág 50

30 MAR — DOMINGO

### **Máquina de Embrulhar Poemas**

Atividade Infantil Pág 51



## INSCRIÇÕES GRATUITAS

A inscrição nos cursos, bem como a participação na maioria das atividades, é gratuita. A inscrição não garante a admissão, sendo feita uma seleção aleatória sempre que o número de alunos supere as vagas. Nos dias que antecedem o evento, o Âmbito Cultural enviará um e-mail de confirmação. Não é necessária inscrição para as apresentações de livros. A programação prevista poderá sofrer alteração e/ou cancelamento. Para mais informações, ou caso pretenda receber futuras comunicações, envie-nos um e-mail para [relacoespublicas@elcorteingles.pt](mailto:relacoespublicas@elcorteingles.pt) (Lisboa), ou [rexternas\\_gaia@elcorteingles.pt](mailto:rexternas_gaia@elcorteingles.pt) (Gaia Porto). Pode ainda dirigir-se ao Ponto de Informação no Piso 0 dos Grandes Armazéns de Lisboa e de Gaia Porto.

Inscrições nas atividades do Âmbito Cultural de Lisboa e de Gaia Porto através da página web [ambito-cultural.elcorteingles.pt](http://ambito-cultural.elcorteingles.pt).

No caso de Lisboa, também no Ponto de Informação do ECI Lisboa, Piso 0.

## Lisboa performance



6 DE JANEIRO – 18H30

# A palavra menos a língua

por Calí Boreaz

com Carolina Morais Fonseca e Sara Santos Ribeiro

A PALAVRA MENOS A LÍNGUA é um acontecimento performático em que a poesia tornada viva em cena se funde com a cinética e, de forma não ensaiada, com outras expressões artísticas como a dança e a música. Cada sessão, uma nova fusão, sem ensaios prévios, a evocar o clima exclusivo das *jam sessions*, sendo, assim, sempre um acontecimento único e irrepetível. Calí Boreaz, a poeta e *performer* criadora, desafia, para duas sessões de fusão no El Corte Inglés, em Gaia e em Lisboa, a bailarina Carolina Morais Fonseca e os músicos Sara Santos Ribeiro e Tiago Baptista. Na *performance*, propõe-se um desvio para refletir sobre a jornada do humano contemporâneo,

a relação com a sua origem, o seu futuro, a memória, o amor, a solidão, a linguagem, o tempo, a ficção civilizacional. Uma desconstrução em camadas é o eixo para o encontro e reabitar de uma experiência humana mais significativa. O que é real? Como desconstruir a identificação excessiva com as construções do ego e da civilização se isso desafia os limites da visibilidade? E se o grande encontro humano acontecer a partir da solidão mais profunda de cada um? A PALAVRA MENOS A LÍNGUA é um convite não para uma evasão da realidade, antes para um adentramento radical nela, com o propósito de estarmos melhor nela, mais vivos.



Calí Boreaz é autora dos livros *Tesseracto*, *Outono Azul a Sul*, *A Tela Finalmente Escura*, do zine *A Palavra Menos a Língua* e de diversos espetáculos de fusão artística. É portuguesa e vive no Rio de Janeiro, onde recebeu, entre algumas nomeações, o Prémio de Melhor Atriz pela sua interpretação como Hamlet no Festival de Teatro do Rio de Janeiro em 2012.



Carolina Morais Fonseca é bailarina, coreógrafa, professora de Danzaduende e diretora do projeto *Gypsy Duende*. Portuguesa, estudou Ginástica Acrobática, Dança Clássica & Moderna e Filosofia Budista em Portugal, na Bélgica, na França e nos EUA. Aprofunda a sua investigação através de contínuas viagens e vivências com povos nómadas da Ásia Central, Europa Oriental e América do Sul. Absorve, transforma e traduz gestos e culturas libertando a Dança do exotismo folclórico e redescobrimdo a natureza humana.



**8 DE JANEIRO, 19 DE FEVEREIRO E 19 DE MARÇO — 18H30**

# A Escuta do Mundo

por **Nuno Artur Silva**

De tudo o que ouvimos, o que escolhemos escutar? No início do seu *Ensaio Sobre a Cegueira*, José Saramago escreve: “Se puderes olhar, vê. Se puderes ver, repara.” (Livro dos Conselhos). Aqui, poderíamos dizer: Se puderes ouvir, escuta. Se puderes escutar, atenta/reflete. «A Escuta do Mundo» é a revista mensal ao vivo do Âmbito Cultural do El Corte Inglés. Todos os meses, Nuno Artur Silva fará um resumo geral muito particular sobre os acontecimentos do mundo no mês passado, os grandes e, sobretudo, os pequenos; nem sempre — ou quase nunca — aqueles que foram os mais destacados nos meios de comunicação e nas redes sociais. Trará, também, uma lista escolhida

de livros, histórias, poemas, canções, músicas, imagens, filmes, séries e outras formas improváveis e falíveis de salvação ou, pelo menos, de orientação. Poderá, ainda, haver convidados relacionados com os temas ou as escolhas desse mês. Tragam bloco de notas e lápis. “A Escuta do Mundo” é igualmente o nome do programa da TSF com autoria e apresentação de Nuno Artur Silva, no qual todas as semanas conversa com escritores, músicos e artistas diversos sobre os seus trabalhos e as suas escutas do mundo. TSF: Quartas, depois do noticiário das 13:00; sábados, depois do noticiário das 11:00; e sempre em *podcast* nas diversas plataformas disponíveis. Com o patrocínio do Âmbito Cultural do El Corte Inglés.



Nuno Artur Silva nasceu em Lisboa, em outubro de 1962. Foi fundador e diretor da Produções Fictícias e do Canal Q e fundador e *publisher* do jornal satírico *O Inimigo Público*. Foi administrador da RTP (2015/2018), com o pelouro dos conteúdos, e secretário de Estado do Cinema, Audiovisual e Media, no XXII Governo Constitucional (2019/2022). Professor de Português e de Escrita Criativa, autor e produtor de livros, peças de teatro, eventos, séries e programas de televisão e apresentador de programas de televisão de cultura, humor e debate político. Recentemente, apresentou o espetáculo *Onde É Que Eu Ia?...*, um solo acompanhado pelo desenho em tempo real de António Jorge Gonçalves, e editou o livro *Como É Que Os Nossos Amigos Ficam Nossos Amigos - Teoria Universal da Amizade*, com desenhos de João Fazenda.



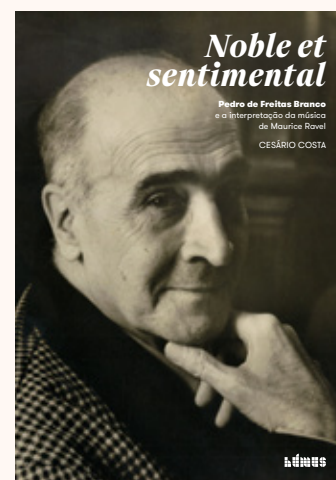
**10 DE JANEIRO – 18H30**

# Noble et sentimental

por **Cesário Costa**

«O trabalho de investigação empreendido por Cesário Costa em torno da figura de Pedro de Freitas Branco (1896-1963) [...] representa um contributo inédito e valioso para o conhecimento desta figura ímpar. [...] Merece a atenção de todos os estudiosos, preenchendo uma manifesta lacuna e conferindo o merecido relevo a uma das

figuras que melhor projectaram a cultura portuguesa do século XX no plano internacional, e cuja actuação no panorama musical português do seu tempo lançou em parte as bases da nossa contemporaneidade.»  
Do prefácio de Paulo Ferreira de Castro





13 DE JANEIRO – 18H30

# Inteligência Artificial: bênção ou maldição?

de Diogo Freitas

apresentação por Adolfo Mesquita Nunes



Concluiu o Curso Superior de Piano, em Paris, estudou na Escola Superior de Música de Würzburg, onde completou a Licenciatura e o Mestrado em Direção de Orquestra e obteve o Doutoramento em Musicologia Histórica na Universidade Nova de Lisboa. Foi presidente da Metropolitana, diretor artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa, diretor artístico e Maestro Titular da Orquestra do Algarve e da Orquestra Clássica de Espinho e maestro titular da OrchestrUtópica. Lecionou na Universidade Católica Portuguesa. É investigador integrado do CESEM (NOVA FCSH), professor na Academia Nacional Superior de Orquestra, programador de Música Erudita do CCB, diretor artístico dos Concertos Promenade do Coliseu do Porto e maestro titular e diretor artístico da Orquestra Sinfónica Ensemble e da Orquestra Municipal de Sintra - D. Fernando II.

*Inteligência Artificial, Bênção ou Maldição*, da autoria de Diogo Freitas, garante ao leitor que a Inteligência Artificial (IA) veio para ficar. Por isso é essencial que todos estejamos preparados para a receber. Sucede que a evolução desta tecnologia não trará apenas benefícios mas também, assegura Diogo Freitas, malefícios que poderão superar largamente os proveitos.

Atingida a inteligência artificial geral, abrir-se-á uma caixa de Pandora e nesse momento poderá ser demasiado tarde para impedir o descontrolo. A singularidade é um ponto a partir do qual o desconhecido impera e é isso que nos deve preocupar.

Neste *Inteligência Artificial, Bênção ou Maldição*, livro que se quis simples e direto, de fácil leitura encontrará uma explicação do que é a IA, dos problemas e benefícios atuais, dos riscos que teremos de assumir se mantivermos o seu desenvolvimento descontrolado e ainda sugestões de como lidar com estas mudanças. Na parte final será surpreendido com as opiniões de alguns convidados acerca desta temática tão relevante.

No final deste livro o leitor estará capacitado para analisar esta tecnologia de forma crítica e tomar as suas próprias conclusões. Será a inteligência artificial uma bênção ou uma maldição?



Diogo Freitas nasceu em 1990, em Ponte de Lima, e desde jovem que se interessa pelas áreas dos negócios, do saber, do conhecimento e do desenvolvimento pessoal. Dedicado ao empreendedorismo desde muito novo, deu continuidade ao testemunho do seu pai. Em 2008 iniciou os seus estudos em economia na FEP, curso que não terminou. Homem de família, casado e com quatro filhas, aí encontra a sua estabilidade, na certeza de que o caminho se faz caminhando, crescendo e superando todos os dias. Atualmente é CEO de um grupo de empresas ligadas à indústria alimentar que operam em Portugal e Espanha.





13 A 29 DE JANEIRO — 18H30

# Onde tudo começou: as civilizações da Mesopotâmia

por Luís Manuel de Araújo

Em seis sessões falaremos, de forma sucinta, do essencial das antigas civilizações da Mesopotâmia, onde hoje fica o Iraque, um país que se tenta agora reconstruir e renovar e onde se situam as impressionantes ruínas de Babilónia, Nippur, Guirsu, Ur e Uruk, onde foi inventada a escrita (cerca de 3300 a.C.), dando assim início à história (antes era a pré-história). Na antiga Mesopotâmia, restam ainda expressivos vestígios das diversas civilizações pré-clássicas que por lá floresceram, muito ricas de arte, de história e de cultura, com os seus sistemas originais e variados de organização política, social e económica, que a arqueologia e a literatura mitológica, religiosa, histórica e administrativa bem documentam, da Assíria à Babilónia, e da Acádia à Suméria, onde tudo começou.

**1.ª SESSÃO — 13 JANEIRO**  
A geografia, os deuses e os homens

**2.ª SESSÃO — 15 JANEIRO**  
A Suméria, onde tudo começou

**3.ª SESSÃO — 20 JANEIRO**  
A civilização suméria-acádia

**4.ª SESSÃO — 22 JANEIRO**  
A Babilónia de Hammurabi

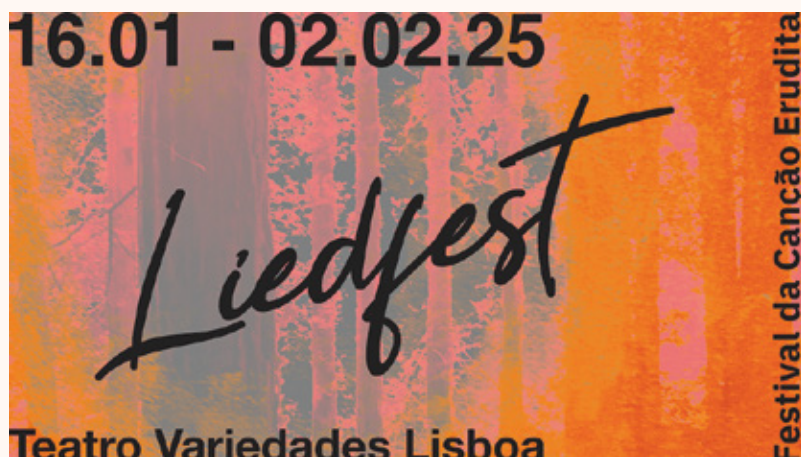
**5.ª SESSÃO — 27 JANEIRO**  
O Império Assírio

**6.ª SESSÃO — 29 JANEIRO**  
O apogeu da Babilónia



Luís Manuel de Araújo é professor jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, doutorado em Letras (História e Cultura Pré-Clássica) pela Universidade de Lisboa, com estágio de pós-graduação na Faculdade de Arqueologia da Universidade do Cairo. É membro da Academia Portuguesa da História, Associação Internacional de Egíptólogos, Conselho Internacional dos Museus e Comité Internacional para a Egíptologia. Estudou as coleções egípcias públicas e privadas existentes em Portugal e é autor de dezoito livros, alguns deles esgotados.





**14 E 16 DE JANEIRO — 18H30**

# Uma viagem pelo Lied Alemão

por **Rui Vieira Nery**



Durante quase dois séculos, entre finais do século XVIII e meados do século XX, o Lied para canto e piano constituiu um dos géneros mais significativos da Música erudita alemã. Com Haydn e Mozart, partiu da valorização da canção rural tradicional e do legado do coral luterano. Com Beethoven e Schubert as formas e as harmonias tornaram-se mais complexas, e o Lied afirmou-se como um expoente reconhecido da própria identidade cultural germânica. Com Schumann, Mendelssohn e Brahms o piano tornou-se cada vez mais um parceiro determinante no discurso musical, num diálogo entre pares com a voz. Com Mahler, a componente instrumental alargou-se à orquestra. Com Wolf e Richard Strauss a tradição romântica atingiria neste género o seu auge final, antes de a canção enveredar a partir de então pelos rumos do Modernismo, pela pena de Berg, Weil ou Henze. Pelo caminho, estes compositores cruzaram-se com alguns dos maiores poetas de sempre da língua alemã, de Goethe, Heine, Eichendorff, Rückert ou Mörike a Dehmel, Rilke, Brecht ou Hesse.

Rui Vieira Nery é musicólogo e historiador cultural, licenciado pela Faculdade de Letras de Lisboa e doutorado pela Universidade do Texas, Austin. É autor de uma vasta obra musicológica, em áreas de estudo tão diversas como a música antiga ibero-americana, a música portuguesa na transição para o Modernismo, o fado ou a música popular brasileira. Foi professor da Universidade Nova de Lisboa. Conferencista em universidades e instituições culturais por toda a Europa, EUA e Brasil, faz divulgação musical e cultural na rádio, televisão e imprensa. Recebeu a comenda da Ordem do Infante D. Henrique, a Medalha de Ouro do Município de Lisboa, o Prémio Universidade de Coimbra e a Medalha de Honra da Sociedade Portuguesa de Autores, entre outras distinções. É membro das Academias da Ciência de Lisboa, Portuguesa da História, Nacional de Belas-Artes e da Marinha, bem como do PEN Club de Portugal e do Brasil.

## PROGRAMA NO TEATRO VARIEDADES LISBOA

**14 e 16 Janeiro — 18h**  
**UMA VIAGEM PELO LIED ALEMÃO**  
Curso livre, por Rui Vieira Nery

**16 e 17 Janeiro — 21h**  
**CONVERSAS COM A MORTE**  
Recital coreografado, por Camila Mandillo e Filipe Gaio Pereira (piano)

**19, 21 e 22 Janeiro — 11h e 15h**  
**BRINCADEIRAS LÍRICAS**  
Recital encenado, por Catarina Molder, (soprano) e Francisco Sasseti (piano)

**22 Janeiro — 15h às 19h**  
**CANTANDO EM PORTUGUÊS**  
Masterclass com Cátia Moreso

**23 Janeiro — 18h**  
**AS MUSAS DO LIED**  
Conferência por Maria Filomena Molder e João Barrento

**24 Janeiro — 20h**  
**NOS MISTÉRIOS DA NOITE**  
Schumann, Strauss, Ravel, Poulenc  
Recital por Luís Rendas Pereira (barítono) e Pedro Lopes (piano)

**25 Janeiro — 16h às 19h**  
**MARATONA NOVOS INTÉRPRETES**  
Parceria com Escola de Música do Conservatório Nacional (entrada livre)

**26 Janeiro — 16h**  
**CAMÕES**  
Cátia Moreso (meio-soprano) e João Paulo Santos (piano)  
Parceria com TNSC

**29, 30, 31 Janeiro e 1 Fevereiro**  
**CINCO FORMAS DE MORRER DE AMOR**  
Chausson, Chagas Rosa, Schostakowitch, Luís Soldado, Clã  
Por Catarina Molder (soprano) e quarteto de cordas

**2 Fevereiro — 16h**  
**AMORES E VIDAS DE UMA MULHER**  
Schumann, Poulenc e Granados  
Recital por Cecília Rodrigues (soprano) e David Santos (piano)



**15 E 29 DE JANEIRO – 18H30**

# Loving the Planet

por Eduardo Rêgo



## 15 DE JANEIRO

### Um planeta em desequilíbrio

A maior Guerra Mundial de todos os tempos é de cariz emocional e resulta da toxicidade global dos comportamentos, numa equação a que não escapa o bombardeamento constante da informação. É tão avassaladora que não temos olhos nem ouvidos para o essencial. Andamos anestesiados, com a triste ilusão de que ter sempre mais e mais é o caminho para a felicidade, mas é pura mentira. Pobres dos nossos filhos e netos que um dia vão entender, da pior maneira possível, que uma certa carência foi e será sempre o sal da vida. A batalha contra a vertigem consumista dá-se em cada um de nós.

## 29 DE JANEIRO

### O mundo está doente, mas tem cura

Depois de muitas décadas de compromisso com a natureza, com o clima e com a defesa do planeta, falta uma pedagogia clara e motivadora, capaz de recentrar os anseios de uma humanidade à deriva. A Loving the Planet nasceu com a expectativa de relativizar os muitos “dialetos oportunistas” que hoje compõem o discurso ambientalista. Quem nos deu a globalização era movido mais por interesses de império comercial do que por valores culturais e de convivência saudável. E agora, é no reduto da consciência que temos de combater as alterações climáticas e as assimetrias que nos fizeram mergulhar no desequilíbrio.

Eduardo Rêgo, responsável pela versão portuguesa dos programas Vida Selvagem e O Nosso Mundo – de que é também locutor – granjeou a simpatia e preferência dos telespetadores nos 32 anos de existência da SIC. Com uma visão holística do mundo e da vida, tem dedicado o melhor de si à necessidade de equilíbrio na Terra que habitamos. A Loving the Planet, que fundou em 2018, é uma plataforma global de comunicação, baseada na consciência, destinada a combater as inúmeras agressões à natureza e ao clima cometidas pela espécie humana. Segundo ele, é tarde demais para ficar parado. O planeta está doente, mas tem cura.



16, 23, 30 DE JANEIRO E 6, 13 DE FEVEREIRO — 18H30

# Personagens da História de Portugal e a sua época

por Lourenço Pereira Coutinho



As personagens da História são atores determinantes, mas não solitários. Este curso genérico parte da biografia de cinco personagens marcantes para contextualizar as suas épocas e viajar por algumas das etapas marcantes da História de Portugal.

**1.ª SESSÃO — 16 JANEIRO**  
D. Afonso Henriques.

**2.ª SESSÃO — 23 JANEIRO**  
Infante D. Henrique.

**3.ª SESSÃO — 30 JANEIRO**  
Padre António Vieira.

**4.ª SESSÃO — 6 FEVEREIRO**  
Marquês de Pombal.

**5.ª SESSÃO — 13 FEVEREIRO**  
Éça de Queiroz.

Lourenço Pereira Coutinho (Lisboa, 1973), é doutorado em História Institucional e Política Contemporânea (PIUDHist). É co-autor do *podcast* de História do *Expresso* “A História repete-se”. Tem uma experiência sólida na divulgação da História junto do grande público, nomeadamente através de cursos, palestras, conferências, e presença regular nos *media*. É autor de três livros de História e de quatro romances históricos.

Lisboa ciclo “pensar o mundo”



17 DE JANEIRO — 18H30

# O estado da política no Ocidente

por Miguel Morgado

Nestes anos de encruzilhada, em ambas as margens do Atlântico assistimos a profundas transformações sociais, culturais e económicas que geram desafios consideráveis. O leque de respostas a esses desafios está condicionado

pelo contexto da geopolítica internacional e pelas interpretações ideológicas desses desafios. Neste curso faremos uma viagem pelas circunstâncias e pela resposta política à novidade dos tempos.



Miguel Morgado nasceu em Setúbal em 1974. É Professor do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica. Autor de vários livros nas áreas da filosofia política e da economia, publicou mais recentemente *Soberania: dos seus usos e abusos na vida política* (Dom Quixote, 2021), *Guerra, Império e Democracia: a Ascensão da Geopolítica Europeia* (Dom Quixote, 2023) e *Introdução ao Conservadorismo* (Dom Quixote, 2024). Prepara a publicação próxima de um livro sobre a história e natureza do liberalismo.



28 DE FEVEREIRO — 18H30

# O Desconcerto das Nações

por Pedro Cordeiro

O mundo está desarrumado? Cerca de um mês depois de Trump regressar à Casa Branca, com previsível mudança de governo na Alemanha e talvez em França e as guerras da Ucrânia e do Médio Oriente a não dar trégua, olhemos para o desconcerto das nações e imaginemos que arrumação pode resultar da desarrumação presente.

Se na nossa vizinhança e não só, vemos ascender forças pouco amigas da democracia liberal, se a hegemonia americana parece dar lugar à bipolarização com a China, onde fica Portugal, que posição assume na Europa e no Mundo? E será que pensa no seu lugar, que antecipa e planeia o futuro?



Nasceu em 1979 em Lisboa. Licenciado em Engenharia da Linguagem e do Conhecimento pela Universidade de Lisboa, trabalhou nessa área antes de rumar ao Master em Periodismo do diário *El País*/Universidade Autónoma de Madrid. Depois de estágios no *Público* e na revista *Tempo*, esteve no *Courrier International* desde a fundação, em 2005, até 2017. Entrou para o *Expresso* em 2009, onde é editor da secção Internacional desde 2018. Ensina Ciência Política no Colégio Moderno e faz traduções.

## Lisboa lançamento



17 DE JANEIRO — 18H30

# Da Vinha ao Vinho

de Cláudia Ávila Gomes e Isabel Nolasco  
apresentação por Raquel Varela

«Refletindo a alma dos picarotos [nome popular dado aos naturais da ilha do Pico], a vitivinicultura, os seus vinhos são parte integrante da genética do povo da ilha do Pico. São a memória dos seus antepassados, ícones da sua identidade.

Embaladas num berço de pedra e sonho, os picoenses são estas gentes que transformam a “lava agreste em jorro de vinho”, ditando o crescimento económico e demográfico do concelho da Madalena.

O povo do Pico é feito de maresia e magma queimado, que, com resiliência inabalável, ergueu maroiços, numa luta constante pela sobrevivência. Amontoando a negra penedra em gigantes pirâmides de basalto e pequenos currais, os seus antepassados subjugaram a natureza, retirando da lava arrefecida o seu sustento. Nesta epopeia de pedra, fez-se a

Madalena. No primeiro quartel de setecentos, numa teia, em que a tradição e o sonho se entrelaçam, nasceu este Concelho, durante a famigerada “revolução da vinha”, que permitiu multiplicar a riqueza, atrair novos colonos e, por conseguinte, conquistar a tão desejada emancipação.

Hoje, volvidos seis séculos, a vinha e o vinho continuam a ser a sua paixão. Livros como este celebram-na. Celebram a memória dos seus antepassados, num importante contributo em prol da preservação da sua identidade coletiva.

Neste ano em que se comemoram os 20 anos da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, aclamada Património da Humanidade pela UNESCO, e considerada uma das mais complexas estruturas criadas pelo Homem, o lançamento desta obra ganha um significado ainda mais especial.



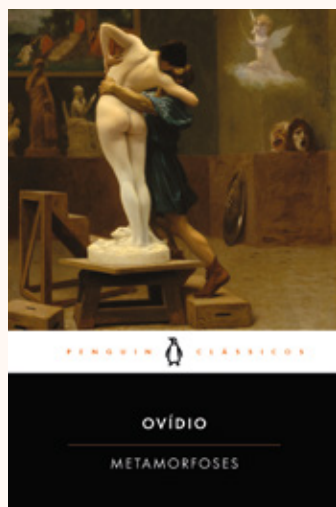
Isabel Nolasco é licenciada pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Trabalhou durante mais de 30 anos como jurista e gestora no Grupo PT e como consultora no PNUD e no Parlamento de Timor-Leste, país onde viveu durante 10 anos.

Tem o curso profissional de fotografia da World Academy Portugal. Fotógrafa há cerca de uma década, tem vindo a desenvolver a sua atividade em distintas áreas geográficas, sempre com uma visão de base documental e humanista. É autora de dois livros de fotografia: *Latitudes da Semelhança*, em 2020 (português) e *Timor-Leste - Do Paraíso* (português/tétum). É co-autora ou fotógrafa convidada em diversas publicações nacionais e internacionais, e as suas fotografias integram outros projetos artísticos.



Cláudia Ávila Gomes é arquiteta paisagista pelo Instituto Superior de Agronomia, com doutoramento em arquitetura paisagista pela mesma universidade. A sua tese de doutoramento teve como objeto de estudo a paisagem açoriana e as suas áreas protegidas. Tem colaborado com diversos periódicos regionais sobre o tema da arquitetura paisagista.

Trabalha há mais de vinte anos nos Açores, tendo integrado diversas equipas projetistas, tanto à escala do ordenamento do território como à escala do pequeno espaço público ou jardim. Colaborou na concretização do Plano Estratégico para a Viticultura da Região Autónoma dos Açores 2022-2031, para a Secretaria Regional da Agricultura. Permanece apaixonada pela paisagem dos Açores, pela paisagem da vinha do Pico e temáticas associadas.



**21 DE JANEIRO — 18H30**

## Metamorfoses de Ovídio

por Paulo Farmhouse Alberto



Paulo Farmhouse Alberto, doutorado em Literatura Latina, é professor catedrático do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Especialista em tradição textual, circulação manuscrita e edição crítica de obras da Latinidade Tardia e Alta Idade Média, sobretudo da Hispânia do século VII. Traduziu obras de Tito Lívio, Propércio, Ovídio e textos hagiográficos da Antiguidade Tardia e Alta Idade Média.

**18 DE FEVEREIRO — 18H30**

## Cartas da Terra de Mark Twain

por António Araújo



António Araújo nasceu em 1966, em Lisboa, onde vive. Jurista e historiador, tem publicado diversos livros e artigos sobre Direito Constitucional, Ciência Política e História Contemporânea. Professor universitário, é administrador e diretor de publicações da Fundação Francisco Manuel dos Santos e colabora regularmente com os jornais *Diário de Notícias* e *Público*.

**18 DE MARÇO — 18H30**

## Frei Luís de Sousa de Almeida Garrett

por João Dionísio



João Dionísio é professor de Literatura Portuguesa e de Crítica Textual na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Preparou para a coleção da obra completa de Almeida Garrett, dirigida por Ofélia Paiva Monteiro e Maria Helena Santana, a edição de Frei Luís de Sousa.



**Porque é um clássico, um clássico?** Porque continua a ser lido, seja 10, 100 ou 1000 anos depois de ter sido escrito? Um clássico possui certas características que o tornam universal, transversal, atual; interpela o leitor, provoca-o, fá-lo questionar-se, conforta-o. Um clássico é um mundo num livro. O «Conhecer os Clássicos» prepara-se para iniciar um terceiro ciclo no El Corte Inglés Lisboa. Depois das introduções que assinaram para a icónica coleção Penguin Clássicos, oiçamos, em janeiro, o professor Paulo Farmhouse Alberto sobre *Metamorfoses*, de Ovídio; em fevereiro, António Araújo deitará um olhar sobre Mark Twain e o seu *Cartas da Terra*; e em Março, a perspetiva do professor João Dionísio sobre *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, que terá nova edição em 2025.

## Lisboa ciclo “poemar”



(...) A palavra continua a ser dita e todos nós sabemos que o pensar nos está a sair pelos olhos, pelos ouvidos e pelo nariz e que também nos é arrancado muitas vezes pelas costas

Mário-Henrique Leiria, in *Lição de Anatomia*



24 DE JANEIRO – 18H30

## Surpresas da Pesca

### A poesia de Mário-Henrique Leiria

por José Anjos, com Miguel Sopas e Simão Palmeirim (guitarra e voz)

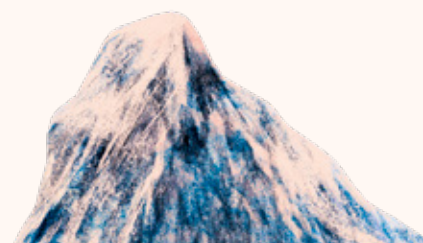
Mário-Henrique Leiria (1923 -1980) foi um poeta, escritor, tradutor, pintor, crítico de arte e editor português. Acérrimo opositor do regime fascista de Salazar, participou em diversas atividades do Grupo Surrealista de Lisboa, chegando a ser preso pela PIDE. Como escritor, ficou mais conhecido pela sua obra publicada em 1973, *Contos do Gin-Tonic*, seguida dos *Novos Contos do Gin*, em 1974, onde se produz uma profunda e inteligente crítica ao regime e costumes vigentes, juntando textos cómico-satíricos a uma poesia incisiva e dura, que denuncia a hipocrisia e a crueldade, sem abdicar de uma beleza terrível. Nesta sessão do Ciclo Poemar, volvidos mais de cem anos sobre o seu nascimento, iremos debruçar-nos sobre a importância do seu legado nas gerações contemporâneas e futuras, e visitar alguns dos seus mais importantes – e atualmente pertinentes – poemas e trabalhos plásticos, interpretados pelo actor e encenador Miguel Sopas, pelo músico e compositor Simão Palmeirim (guitarra e voz), e por José Anjos.



Miguel Sopas. Ator, encenador e formador. Iniciou-se em 1998, no Teatro Amador de Pombal. Em 2004 concluiu o Curso de Teatro (opção de Formação de Atores) na ESTC, e em 2007 o Curso de Teatro (ramo de Teatro e Educação) na mesma escola. Tem uma pós-graduação em Filosofia na FCSH-UNL e mestrado em Estudos de Teatro na FLUL. Como ator profissional, trabalhou com encenadores como Rogério de Carvalho, Graeme Pulleyn, Miguel Loureiro ou Bruno Bravo, e em estruturas como a Companhia de Teatro de Almada, o Teatro Regional da Serra de Montemuro, a Primeiros Sintomas ou o Teatro da Terra. Desde 2008, encenou espetáculos e dirigiu leituras a partir de textos de Gil Vicente, Anrique da Mota, António José da Silva, Samuel Beckett, William Shakespeare e Pablo Albo.



Não simão é o projecto musical formado por Simão Palmeirim em 2013, entretanto com diversos trabalhos publicados. O músico é também professor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador na NOVA FCSH, sendo parte da comissão científica do Centro de Estudos e Documentação Almada Negreiros Sarah Affonso. O título do novo disco de não simão, *Pintar o sete*, é uma expressão popular portuguesa citada inúmeras vezes por Almada; para o poeta-pintor manifesta uma consciência antiga da importância dos números na nossa cultura.







### O cérebro

O cérebro tem dez milhões de células em contacto umas com as outras e dez triliões de conexões

Tanta conexão  
e tanta solidão

Jorge Sousa Braga, in *A Matéria Escura*

14 DE MARÇO — 18H30

# A poesia não dorme

## Poemas e traduções de Jorge Sousa Braga

por José Anjos, com Elisa Scarpa e Carlos Barretto (contrabaixo)

Jorge Sousa Braga nasceu em 1957 em Cervães e concluiu o curso de Medicina da Universidade do Porto em 1981 com a especialidade de Obstetrícia/Ginecologia. Iniciou a sua carreira profissional no Hospital de Santo António, no Porto. Autor de uma vasta obra poética, tem participado também em numerosas antologias, como organizador e/ou tradutor, e tem-se dedicado à escrita de livros infantis. O seu *Herbário* foi distinguido com o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura Infantil. Pertence à geração dos poetas da pós-revolução, revelando uma habilidade inata na construção poética. Leitor impulsivo de poesia, o seu trabalho como autor manifesta-se também nas várias traduções que tem feito, assim como nas antologias de que é responsável, considerando-as como o resultado de um apaixonante exercício de transmutação. Traduziu para português poetas como Jorge Luis Borges, Matsuo Bashô, Li Po, Guillaume Appolinaire, entre outros. Tem feito um trabalho incansável e notável na divulgação de poetas estrangeiros em Portugal. Nesta sessão do Ciclo Poemar iremos debruçar-nos sobre alguns dos poemas que escreveu e traduziu, lidos por Elisa Scarpa e José Anjos e interpretados por Carlos Barretto (contrabaixo).



Após concluir o curso do Conservatório Nacional de Música de Lisboa, Carlos Barretto estudou com Ludwig Streischer em Viena de Áustria, especializando-se na música erudita. De 1984 a 1993 muda-se para Paris, onde trabalhou com grandes nomes do jazz e atuou nos mais prestigiados festivais em França, Alemanha, Suíça, Bélgica e Holanda. De volta a Portugal em 1993, gravou nove CD em nome próprio e colaborou em mais de vinte obras de músicos como Bernardo Sasseti, Carlos Martins, Bob Sands, Georges Cables ou Mário Delgado. Atualmente trabalha nos projetos Carlos Barretto Lokomotiv (com Mário Delgado e José Salgueiro), LST (Lisboa String trio), Guitolão (com António Eustáquio), Carlos Martins quarteto, Carlos Barretto Solo pictórico e “No precipício era o verbo”, ideia que une a poesia com a música, com os *diseurs* André Gago, António de Castro Caeiro e José Anjos.



Elisa Scarpa nasceu a 7 de janeiro de 1964 e há-de morrer. Não gosta de biografias. Escreveu *Elogio da Divergência* (urutau, 2020) e *Preciso de Outro Cérebro* (urutau, 2023)



José Anjos nasceu em Lisboa (1978) e é formado em Direito, poeta e músico. Tem quatro livros de poesia publicados e participa em vários projetos como baterista (não simão), guitarrista (Poetry Ensemble e mao-mao) e *diseur* (Lisbon Poetry Orchestra, No precipício era o Verbo, Navio dos Loucos, O Gajo, Janela). Vive com um gato.

Lisboa lançamento

27 DE JANEIRO — 18H30

# Best of Executiva 10 anos

por Isabel Canha e Maria Serina

Uma edição especial de colecionador, que celebra o 10.º aniversário do *site* Executiva, com uma seleção dos melhores conteúdos, que permite traçar um retrato do que pensam, sentem e fazem as mulheres líderes em Portugal. Entrevistas e testemunhos de mais de 60 mulheres sobre carreira e negócios.



Isabel Canha e Maria Serina são jornalistas com mais de 30 anos de experiência e fundadoras do *Executiva.pt*, *site* de carreira para mulheres. Depois de terem sido jornalistas, editoras e diretoras em algumas das mais importantes publicações, como a *Exame*, a *Fortunas & Negócios* e a *Cosmopolitan*, desde 2015 que se dedicam a dar o seu contributo para que mais mulheres ascendam aos lugares de liderança que ambicionam e merecem. Fazem-no com a *Executiva*, uma marca que, através do *site*, de conferências e livros, dá ferramentas e *role models* a mulheres para quem a carreira é uma importante fonte de realização.

concerto



28 DE JANEIRO — 18H30

# Porrina de Badajoz

por Família Vargas — Miguel Vargas y Juan Vargas, Nuria Claveria (cantora), Aroa Bravo (bailarina)

José Salazar Molina, conhecido no meio artístico por Porrina de Badajoz, foi o mais conhecido cantor e compositor oriundo da Província espanhola da Extremadura. Nasceu em Badajoz, a 13 de janeiro de 1924. Como evocação dos 100 anos do seu nascimento, o Conselho Provincial de Badajoz, através da Secretaria da Cultura, Desporto e Juventude levou a cabo um conjunto de

iniciativas com vista a divulgar e homenagear a mais destacada figura do flamenco desta região. O espetáculo “Duendear”, que será apresentado na sala do âmbito cultural do El Corte Inglés pela família Vargas, pretende honrar o legado de todos os antepassados que se dedicaram a esta expressão de música e dança, para que a memória perdure nas gerações futuras. A Família Vargas é considerada a principal e mais genuína representante do flamenco da Extremadura do país vizinho. São conhecidos pelos espetáculos diferenciadores que levam a palco e que pretendem aliar a tradição à modernidade.



**Solistas  
da Orquestra  
Metropolitana  
de Lisboa**



**31 DE JANEIRO - 18H30**

# Um Trompete, um Fagote e Percussões

por Solistas da Metropolitana

**Jim Stephenson** *Vignettes*, para trompete e percussão  
**Daniel McCarthy** *Bundle of Sticks*, para fagote e percussão  
**Kelly Rossum** *Roshi*, para trompete e marimba  
**Gene Koshinski** *Pocket Grooves*, para fagote e percussão

**Solistas:**  
 Rafaela Oliveira (fagote),  
 Sérgio Charrinho (trompete),  
 Rodrigo Azevedo (percussão)



**21 DE MARÇO - 18H30**

# Um Lanche Musical

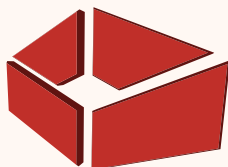
[Ciclo Concertos para os Mais Novos]

por Solistas da Metropolitana

**Música de Mesa de G. P. Telemann**

G. P. Telemann, Suite de Abertura, TWV 55:D1  
 G. P. Telemann, Concerto para 3 Violinos, TWV 53:F1  
 G. P. Telemann, Conclusão em Ré Maior, TWV 50:9

**Solistas:** Sally Dean (oboé), João Moreira (trompete), violinistas a anunciar, Anzhela Akopyan, Daniela Radu (violinos), Sérgio Sousa (viola), Ana Cláudia Serrão (violoncelo), cravista a anunciar.  
 Concerto comentado por Rui Campos Leitão.



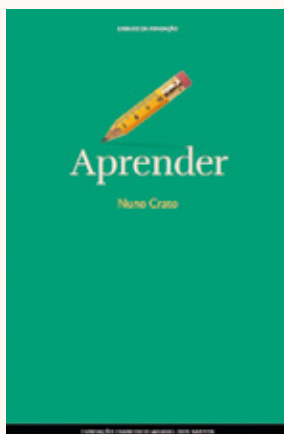
## Lisboa conferências


**30 DE JANEIRO — 18H30**

## O preço da poluição: como garantir um ar mais puro para todos?

 com **Francisco Ferreira**,  
**Ana Teresa Perez** e **Luísa Schmidt**

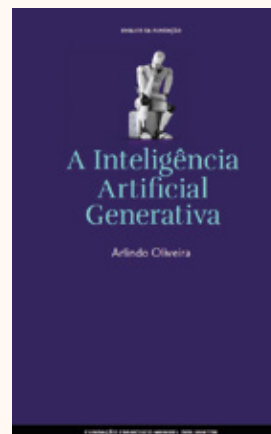
Sabia que, por ano, milhares de portugueses morrem prematuramente por causa da má qualidade do ar? Apesar da redução da poluição industrial nas últimas duas décadas, a poluição atmosférica ainda representa um grave problema ambiental e de saúde pública em Portugal, sendo o tráfego rodoviário excessivo a sua principal causa. Para analisar este cenário de alerta e possíveis medidas a adotar para garantir um ar mais limpo e saudável para todos, chamamos à conversa **Francisco Ferreira**, autor do ensaio *A Qualidade do Ar em Portugal*, **Ana Teresa Perez**, vogal do Conselho Diretivo da Associação Portuguesa do Ambiente, e **Luísa Schmidt**, investigadora coordenadora no ICS e autora de vários livros na área do ambiente. Moderação por Filipa Melo.


**5 DE FEVEREIRO — 18H30**

## Afinal, ainda é importante ensinar, aprender e avaliar?

 com **Nuno Crato**,  
**Isabel Soares** e **José Miguel Júdice**

A partir de desenvolvimentos científicos recentes, o ensaio *Aprender* defende a importância do conhecimento disciplinar estruturado, de currículos ambiciosos e de uma avaliação rigorosa da aprendizagem. Defende um ensino em que o aluno desempenha um papel ativo, o que só é possível com uma aprendizagem organizada. Enaltece o valor do professor na formação dos alunos. Sustenta que a exigência favorece os mais desfavorecidos e preconiza uma prática sistemática de apoio aos alunos com mais dificuldades. Defende um ensino informado pela experiência, pelos dados e pela ciência. Estas e outras propostas vão estar em análise numa conversa com **Nuno Crato**, autor do ensaio, **Isabel Soares**, diretora do Colégio Moderno, e o advogado e comentador **José Miguel Júdice**. Moderação por Filipa Melo.


**12 DE FEVEREIRO — 18H30**

## Inteligência artificial generativa: riscos ou benefícios para a sociedade do futuro?

 com **Arlindo Oliveira**  
 e **Paulo Dimas**

Embora seja difícil prever a evolução das tecnologias digitais, as aplicações já existentes da inteligência artificial generativa sugerem, a prazo, uma capacidade significativa de amplificação e complementação da inteligência humana que implicará modificações profundas na sociedade. A emergência de sistemas cada vez mais sofisticados, capazes não só de dominar linguagem e visão, mas também de raciocinar e de possuir agência, curiosidade, empatia, introspeção e, talvez, alguma forma de consciência, representam simultaneamente uma enorme oportunidade e um enorme risco para o futuro da humanidade. Para entender estas tecnologias, convidamos para a conversa **Arlindo Oliveira**, autor de *A inteligência artificial generativa* e **Paulo Dimas**, CEO do Centro para a IA Responsável. Moderação por Filipa Melo.



12 DE MARÇO — 18H30

## Coimbra de outrora: quem foram os salatinas?

com **Rafael Vieira**,  
**Luísa Trindade**  
e **José António Bandeirinha**

O Estado Novo projetou uma nova Cidade Universitária para a zona Alta de Coimbra e, com esse objetivo, entre as décadas de 40 e 60, cerca de duas a três mil pessoas foram forçadas a migrar para bairros sociais na periferia, dividindo-se e pulverizando-se uma comunidade muito diversificada há séculos ali residente. Nem por isso alguns dos salatinas mais desfavorecidos e seus descendentes perderam a memória de tradições antigas e do trauma desta segregação. A partir do repositório de testemunhos em primeira mão contido no retrato *Os Salatinas, Coimbra da Saudade*, recria-se a história desta comunidade, em conversa com o autor, **Rafael Vieira**, a historiadora de arte **Luísa Trindade** e o arquiteto **José António Bandeirinha**. Moderação por Filipa Melo.



26 DE MARÇO — 18H30

## Turismo, Desenvolvimento, Exclusão?

com **José Carlos Barros**  
e **João Rodrigues**

A ocupação dos areais da baía de Monte Gordo por comunidades de marítimos, numa jornada de quase seis séculos, desembocaria, a partir do último quartel do século XIX, na metamorfose de um aglomerado piscatório em estância turística balnear. Esta transformação, paralelamente ao desenvolvimento turístico e à revitalização da economia local, gerou um processo de segregação espacial, económica e social, empurrando as famílias de pescadores e conserveiras para uma periferia (o chamado Sertão, ou Sultão) de casas de adobe e cabanas de colmo e paus de piteira, sem infraestruturas viárias, sem tratamento de esgotos nem abastecimento de água. Para recriar a história dessa comunidade e desse território marginal, estarão à conversa **José Carlos Barros**, autor do retrato *Os Filhos de Monte Gordo*, e **João Rodrigues**, nascido no Sertão de Monte Gordo, filho de pai pescador e mãe conserveira. Moderação por Filipa Melo.



2 DE ABRIL — 18H30

## Jornais: só lhes resta a última página?

com **Rui Frias**,  
**Filipe Alves** e **Miguel Carvalho**

A crise da comunicação social é global, mas ameaça em particular o futuro dos jornais diários impressos. Neste século, Portugal já perdeu cerca de 2000 jornalistas. Um mercado encolhido de forma abrupta, a memória já esbatida dos tempos em que os jornais “vendiam como pãozinhos quentes” e as redações atuais reduzidas, em média, a meias dúzias de jornalistas contratados, outras tantas de precários que quase não ganham para comprar pão. Erros apontados aos modelos de negócio, à transição digital, às administrações e às direções, aos próprios jornalistas ou, tão-só, às mudanças de hábitos de consumo. Para radiografar as transformações que se viveram nas últimas décadas nas redações dos jornais, chamamos à conversa **Rui Frias**, autor do retrato *O Jornal*, **Filipe Alves**, diretor do *Diário de Notícias*, e o grande repórter **Miguel Carvalho**. Moderação por Filipa Melo.

Lisboa conferência



3 DE FEVEREIRO – 18H30

# Para uma Ética do Futuro Hans Jonas e o Princípio da Responsabilidade

por Maria José Varandas

Partindo da constatação que o potencial tecnológico humano atingiu um grau desmesurado e apocalíptico com a capacidade de destruir a Vida na Terra e logo, a Humanidade, o filósofo Hans Jonas propõe-nos uma Ética para o Futuro. Nesta sessão mostraremos que a vida e a obra do filósofo estão intimamente ligadas.

Nomeadamente, a guerra e o lançamento das bombas atómicas de Nagasáqui e Hiroxima, factos que exerceram uma influência decisiva no seu pensamento. Tal influência traduziu-se na proposta de Hans Jonas de uma 'Ética do

Futuro', fundada nos princípios da responsabilidade e da precaução. O que aqui está em causa é uma "Ética de hoje que se preocupa com o futuro e procura protegê-lo para os nossos descendentes das consequências da nossa acção presente" (Hans Jonas)



Licenciatura em Filosofia, mestrado pré-Bolonha e doutoramento em Filosofia da Natureza e do Ambiente pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro do Centro de Filosofia da Faculdade de Letras da UL. Fundadora, presidente e vice-presidente da Sociedade de Ética Ambiental. Professora convidada em seminários anuais nos cursos de doutoramento em Bioética (Faculdades de Medicina da Universidade do Porto e Universidade de Lisboa). Docência de cursos de ética ambiental em diversas instituições. Autora de artigos e livros na área da ética ambiental. Organizadora e co-organizadora de seminários sobre a temática ambiental. Conferencista convidada em diversas instituições e iniciativas, sempre sobre o tema da ética e ambiente. Membro do Conselho Científico do Congresso Português de Filosofia (2014 a 2018). Prémio Gulbenkian Ambiente em 2009, com o livro *Ambiente: Uma Questão de Ética*.



4 E 11 DE FEVEREIRO — 18H30

# A Montanha Mágica

## Um romance para o século XXI

por João Pedro Cachopo

Publicado em 1924, o romance *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, ainda tem muito a dizer ao nosso tempo, um tempo de aceleração tecnológica, radicalização política e guerra iminente. Nele se conta a história de Hans Castorp, um jovem engenheiro alemão, que, ao longo dos sete anos passados num sanatório para tuberculosos na Suíça no início de século XX, se interroga sobre o tempo, a morte, o amor, a história e a política. É na montanha que o herói se questiona e reflete. Mas é também na montanha que desiste de tudo. Afinal, quão salutar é sua experiência alpina? É a distância — simbolizada pela montanha — uma condição da lucidez? Ou é um pretexto para a inação, a desistência e a cobardia? É desta pergunta que parte este ciclo de conferências, no qual retomarei as principais ideias d'*O Escândalo da Distância: uma leitura d'A Montanha Mágica para o século XXI*, recentemente publicado pelas Edições Tinta-da-China.



João Pedro Cachopo leciona Filosofia da Música na Universidade Nova de Lisboa, onde integra o Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical. É autor de *Callas e os Seus Duplos* (Sistema Solar, 2023), *A Torção dos Sentidos* (Sistema Solar, 2020; Elefante, 2021), traduzido para inglês como *The Digital Pandemic* (Bloomsbury, 2022), e *Verdade e Enigma: Ensaio sobre o Pensamento Estético de Adorno* (Vendaval, 2013), e coautor de várias obras.

4 DE FEVEREIRO — 18H30

*A Montanha Mágica* entre a literatura e a filosofia

Na primeira conferência deste ciclo, apresentarei a hipótese segundo a qual o teor filosófico do romance de Mann, escrito entre 1912 e 1924, reside menos nos seus temas — o tempo, a morte, o amor — do que na pergunta sobre as vantagens e os inconvenientes da distância para o pensamento. Trata-se, assim, de situar o romance no debate sobre a relação entre filosofia e literatura. Para tal, abordarei a metamorfose existencial de Mann ao longo da redacção do romance, discutirei as categorias de “romance de formação” e de “romance do tempo” e chamarei a atenção para a importância da tecnologia na obra, destacando os episódios do gramofone e da radiografia.

11 DE FEVEREIRO — 18H30

*A Montanha Mágica* entre a literatura e a música

Numa palestra proferida em Princeton em 1939, Thomas Mann declarou-se “músico entre os poetas” e descreveu *A Montanha Mágica* como uma obra de índole wagneriana, composta como uma sinfonia de Leitmotive. No entanto, não é apenas formalmente, mas também tematicamente que a música se faz ouvir e dá que pensar neste romance, das censuras de Settembrini contra a natureza “politicamente suspeita” da música aos comentários do narrador sobre paixão de Castorp pelo Lied “A Tília” de Schubert. Quais as implicações daquelas declarações e para uma leitura a um só tempo filosófica e musical do romance é o que estará em jogo esclarecer.





# Aquilo que perdemos por entre as fendas A poética do esquecimento e os nomes que deixámos de lembrar

por Lourenço de Almeida Duarte

O escritor americano William Faulkner disse-nos que “o que a literatura faz é o mesmo que acender um fósforo no campo a meio da noite. Um fósforo não ilumina quase nada, mas permite-nos ver quanta escuridão existe ao redor”. Esta escuridão, aliás, é natural, não devendo ser condenada. Neste sentido, afirmamos que apenas nos interessa quem procura não a resposta à pergunta, mas a pergunta como resposta: a pergunta infinita, interminável, a que se multiplica e transforma consoante nós mesmos o vamos fazendo pela vida fora. Ora, a ignorância – tida como escuridão – advém do desleixo ou do esquecimento. Ou porque estamos atrasados para o trabalho, ou o forno está já a queimar, ou amanhã é dia de visitar os sogros, a verdade é que, em literatura, “aquilo que perdemos por entre as fendas” vai desaparecendo na neblina da memória. Falamos de nomes – uma data deles – que têm vindo a enfraquecer, dando lugar, porventura, a poucos outros: Pessoa e Camões à cabeceira e uns quantos que se acotovela no que resta da mesa. Por tudo isto, o presente curso visa compreender o fenómeno do esquecimento em literatura e resgatar algumas figuras das suas campas autorais. Deste modo, da próxima vez que acendermos um fósforo no campo a meio da noite, talvez vejamos um pouco mais além.

## 1.ª SESSÃO — 5 DE FEVEREIRO

### Por que esquecemos? Uma análise.

- O que significa chamar um autor de “esquecido”?
- A construção do cânone literário e o funcionamento da memória cultural;
- Conceitos: obliúvio, esquecimento, marginalização e poesia menor.

## 2.ª SESSÃO — 12 DE FEVEREIRO

### O cemitério autoral: um projeto de resgate.

- A enorme sombra de Fernando Pessoa;
- poemas e poetas que ninguém conhece;
- considerações finais: devemos ressuscitar os mortos?



Lourenço de Almeida Duarte é professor de Português e de Literatura, investigador associado do IELT da U. NOVA de Lisboa e doutorando em Literaturas e Culturas Modernas. Encontra-se, atualmente, a desenvolver uma tese acerca da poesia portuguesa esquecida e da figura do esquecimento. Os seus interesses são visitar livrarias antigas, cemitérios e ceder o lugar a pessoas saudáveis, no autocarro, só para criar inseguranças.







*As cidades como os sonhos são construídas de desejos e de medos, embora o fio do seu discurso seja secreto, as suas regras absurdas, as perspectivas enganosas, e todas as coisas escondam outra.*

Ítalo Calvino

7, 14, 21 E 28 DE FEVEREIRO E 7 DE MARÇO — 18H30

# O que foi aqui de Lisboa. História de uma cidade

por Paulo Almeida Fernandes



O que foi aqui de Lisboa é uma expressão de Fernando Pessoa que pretende sintetizar o múltiplo e complexo passado da cidade, entretanto perdido, porque sobreposto por outras camadas de tempo. Para qualquer habitante de Lisboa, não é fácil conhecer as eras que se sobrepuseram no sítio de Lisboa. Os periscópios arqueológicos para o passado são escassos e nem sempre de fácil interpretação. A desmemória provocada pelo terramoto de 1755 (e pela radical reconstrução pombalina) sepultou muitas marcas da cidade antiga. A revolução acelerada verificada a partir da segunda metade do século XIX e ampliada nas últimas décadas obliterou outras tantas manifestações.

O propósito deste curso é atravessar 2000 anos de história de Lisboa. Privilegiar-se-á uma abordagem urbanística, em torno das grandes alterações sentidas na cidade, mas haverá também oportunidade para contar pequenas histórias de pessoas, lugares e acontecimentos. Porque Lisboa é feita de muitas histórias. Falaremos de mudanças, mas também de permanências, como o rio Tejo, cenografia aquática de Lisboa e razão e sentido da cidade em todos os seus tempos (incluindo nos dias de hoje).

## 1.ª SESSÃO — 7 DE FEVEREIRO

**A primeira ideia de cidade: dos primeiros povoadores à desestruturação da cidade romana**

## 2.ª SESSÃO — 14 DE FEVEREIRO

**Da urbe islâmica à capital de um império ultramarino (séculos IX-XV)**

## 3.ª SESSÃO — 21 DE FEVEREIRO

**Em Lisboa podia comprar-se o mundo: a cidade entre os séculos XVI e XVIII**

## 4.ª SESSÃO — 28 DE FEVEREIRO

**Destruição e reconstrução: o terramoto e o novo conceito de cidade**

## 5.ª SESSÃO — 7 DE MARÇO

**A cidade contemporânea: expansão e permeabilidade(s).**

Paulo Almeida Fernandes (Lisboa, 1974) é doutorado em História da Arte pela Universidade de Coimbra, mestre em Arte, Património e Restauro e licenciado em História, variante de História da Arte, ambos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É membro integrado do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa) e colaborador do Instituto de Estudos Medievais (Universidade Nova de Lisboa). Desempenha atualmente funções de coordenação do serviço de Inventário e Investigação do Museu de Lisboa - EGEAC, no âmbito das quais tem estado envolvido em várias exposições e edições sobre a história da cidade. É ainda professor auxiliar convidado de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.



Lisboa lançamento



©José Sena Goulão

LANÇAMENTO: 13 DE FEVEREIRO — 18H30

EXPOSIÇÃO: 13 DE FEVEREIRO — 13 DE MARÇO

# Anuário Lusa 2024

debate por Jaime Nogueira Pinto e Marina Costa Lobo  
 moderação por Carlos Vaz Marques  
 participação de Joaquim Carreira e Luísa Meireles



Serão de novo 168 páginas recheadas com mais de duas centenas de fotografias e vários textos sobre os principais acontecimentos ocorridos em 2024, vistos pelo olhar dos profissionais da Agência Lusa. É mais um ano em que, de novo, a agência de notícias portuguesa publica o seu anuário de fotos e textos, em que surgem perante os leitores os factos que marcaram Portugal e o mundo, e onde a Lusa esteve presente. 2024 foi um ano de mudanças e de votos: em Portugal, os portugueses foram às urnas quatro vezes. Nas eleições legislativas antecipadas deram uma vitória tangencial à direita, pondo ponto final em oito anos de governação socialista. Mas foi um ano de mudanças também na Europa, onde as eleições para o Parlamento Europeu deram origem a uma nova legislatura e a uma nova Comissão. No mundo, o destaque são também eleições, as realizadas nos Estados Unidos, em que o regresso avassalador de Donald

Trump à presidência lhe dá também poder para influenciar os destinos globais. E em Moçambique, onde as consequências das eleições presidenciais se saldaram em mortos e muitos tumultos. E, depois, foram as guerras — na Ucrânia e no Médio Oriente, onde prosseguiu o ataque sistemático de Israel a Gaza, estendendo-se perigosamente até ao Líbano. Os repórteres da Lusa estiveram lá. Tivemos o nosso lote de greves e protestos, incêndios, futebol e concertos e desse grande espetáculo de todos os desportos que foram as Olimpíadas e os Paralímpicos, a maior das homenagens ao esforço da superação humana. O Âmbito Cultural do El Corte Inglés, a editora Livros Zigurate e a Agência Lusa têm todo o gosto em contar com a vossa presença nesta “viagem” pelo ano de 2024, perspetivando também o necessário debate sobre os desafios e oportunidades para 2025.





©José Sena Goulão



©Luísa Nhantumbo



©Paulo Cunha



17 E 24 DE FEVEREIRO, 3, 10 E 17 DE MARÇO — 18H30

# Rainhas de Portugal nos séculos XIX e XX: Poder e poderes

por Paulo Drumond Braga

Este curso pretende evidenciar o papel das rainhas em Portugal nos séculos XIX e XX (concretamente, até ao fim da Monarquia, em 1910), estabelecendo desde logo a diferença entre uma rainha reinante (D. Maria II) e cinco rainhas consortes (D. Carlota Joaquina de Bourbon, D. Leopoldina de Habsburgo, D. Estefânia de Hohenzollern, D. Maria Pia de Saboia e D. Amélia de Orléans). Além de se abordar o caso específico de D. Maria II, serão evidenciados os papéis desempenhados pelas rainhas consortes, nomeadamente o exercício de um poder político informal, a maternidade, a educação dos filhos, sem esquecer outro tipo de intervenções, nomeadamente os níveis cultural e assistencial.

**1.ª SESSÃO — 17 DE FEVEREIRO**  
De D. Carlota Joaquina a D. Amélia de Orléans: seis rainhas de Portugal

**2.ª SESSÃO — 24 DE FEVEREIRO**  
O caso de uma rainha reinante: D. Maria II

**3.ª SESSÃO — 3 DE MARÇO**  
As rainhas consortes: poder informal e magistratura de influência

**4.ª SESSÃO — 10 DE MARÇO**  
A rainha como mãe e como educadora

**5.ª SESSÃO — 17 DE MARÇO**  
Outras formas de intervenção



Paulo Drumond Braga é doutor em História pela Universidade Nova de Lisboa. Foi professor do ensino superior privado sendo, atualmente, investigador do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta. É autor de cerca de duas centenas de artigos publicados em revistas científicas portuguesas e estrangeiras e de comunicações a eventos realizados em Portugal, Alemanha, Brasil, Espanha, França, Itália e Reino Unido. Publicou 25 livros, entre os quais *D. Pedro III. O rei esquecido*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013; *Nas teias de Salazar. D. Duarte Nuno de Bragança (1907-1976) entre a esperança e a desilusão*, Lisboa, Objectiva, 2017; *D. Maria II. Uma mulher entre a família e a política / D. Maria II*, Lisboa, Clube do Colecionador do Correio, 2019; e *D. Filipa de Bragança. Lutar pela restauração da Monarquia no Portugal de Salazar*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2019.



18 E 25 DE FEVEREIRO, 11, 18 E 25 DE MARÇO — 18H30

# Novos Grandes Livros

por José Gardeazabal



Uma viagem pelos novos grandes livros da audaciosa, divertida e extraordinária literatura contemporânea. Em cinco sessões, cada uma dedicada a um livro e um autor, recorre-se à leitura livre e dirigida, ao comentário e ao debate para relevar a força de obras marcantes da literatura contemporânea. Numa atmosfera estruturada, mas informal, releva-se a originalidade, o carácter, e a natureza da nova grande literatura. As sessões serão organizadas à volta dos livros: *O Meu Nome é Eileen*, de Otessa Mosfegh, *O Irmão de Gelo*, de Alicia Kopf, *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*, de Ocean Vuong, *Pastoralia*, de George Saunders, e *Baleia* de Paul Gadenne.

## 1.ª SESSÃO — 18 DE FEVEREIRO NOME

A partir de *O Meu Nome é Eileen*, de Otessa Mosfegh, uma excursão pela identidade e as dores de crescimento de uma jovem aprisionada num enredo de grande cidade.

## 2.ª SESSÃO — 25 DE FEVEREIRO FAMÍLIA

O *Irmão de Gelo*, de Alicia Kopf, uma sublimação da proximidade da falha pela literatura e pela investigação do frio.

## 3.ª SESSÃO — 11 DE MARÇO TERRA

Em *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*, de Ocean Vuong, um encontro entre o familiar e o estrangeiro, a memória histórica e geográfica e redenção sexual.

## 4.ª SESSÃO — 18 DE MARÇO LABOR

Com *Pastoralia*, de George Saunders, um mergulho microscópico nos meandros da rotina laboral e da resistência individual.

## 5.ª SESSÃO — 25 DE MARÇO MISTÉRIO

A partir de *Baleia*, de Paul Gadenne, o assombro do mistério do natural e do animal.

José Gardeazabal é um escritor português nascido em Lisboa. O seu primeiro livro publicado, *História do Século Vinte*, foi distinguido com o Prémio de Poesia INCM/Vasco Graça Moura. Publicou volumes de teatro e prosa curta. Em 2018, a Companhia das Letras lança o seu primeiro romance, *Meio Homem Metade Baleia*, finalista do Prémio Oceanos e traduzido em 2019 para o castelhano. O seu segundo romance, *A Melhor Máquina Viva*, considerado pelos jornais *Expresso* e *Público* um dos melhores livros de 2020, foi finalista dos prémios Sociedade Portuguesa de Autores, Correntes D'Escritas e Fernando Namora. Em 2021 publicou o terceiro romance, *Quarentena Uma História de Amor*, também finalista do Prémio Oceanos. Em maio de 2022 editou dois livros de poesia: *Penélope Está de Partida*, vencedor do Prémio SPA para o Melhor Livro de Poesia em 2023, e *Da Luz Para Dentro*. Em 2022 editou o romance *Quando Éramos Peixes*, finalista dos prémios Oceanos e Correntes D'Escritas. Em 2023 publicou *A Mãe e o Crocodilo* e em 2024 o romance *Origami*.

## Lisboa conferências



20 DE FEVEREIRO E 7 DE MARÇO — 18H30

# A agonia da 1.ª República (1910–1926)

por António Valdemar

## 20 DE FEVEREIRO

**As Promessas Malogradas  
(uma retrospectiva do passado  
e uma reflexão sobre o futuro)**

A I República (1910-1926) foi um período de profundas transformações sociais e políticas sempre acompanhadas por grande instabilidade. A polémica com a Igreja, a lei da separação das Igrejas e do Estado, geraram sucessivas resistências e conflitos insanáveis. As oposições partidárias intensificaram-se, as lutas contínuas de três partidos políticos e o aparecimento de outros desencadearam a constante formação e queda de governos e até de Presidentes da República.

## 7 DE MARÇO

**A inevitável Ditadura**

A instabilidade política e social nas principais cidades e outros pontos do país desencadearam um clima de violência e insegurança. Culminou com o golpe militar de 28 de Maio de 1926, que pôs fim à República e instaurou um regime autoritário. Em suma: um período repleto não só de conflitos ideológicos, entre monárquicos, republicanos, anarquistas e comunistas, mas de greves, desordens públicas e assassinios, culminando com uma ditadura que só terminou no 25 de Abril.



António Valdemar é jornalista e investigador, sócio efetivo da Academia das Ciências (Classe de Letras) e membro da Academia Portuguesa da História. Entre diversas obras publicadas é autor de dois livros de referência: *República em Loures a 4 de outubro* (prefácio de Mário Soares) e *Viva a República* (prefácio de Pedro Farmhouse).



25 DE FEVEREIRO, 11, 18 E 25 DE MARÇO — 15H30

# Medicina Energética

por Lígia Passos



O nosso corpo foi concebido para estar bem, por isso faz todos os esforços para nos recuperar dos desafios que fazem parte da vida, seja *stress*, uma constipação, uma ferida... e tanto mais! Como tudo o que existe, o nosso corpo também é energia e, quando a nossa energia está em equilíbrio, temos o que necessitamos para estar bem. A Medicina Energética é uma modalidade terapêutica focada em equilibrar as energias do nosso corpo e, assim, contribuir para a nossa vitalidade e bem-estar físico, mental e emocional. Nesta oficina iremos concentrar-nos no autocuidado, aprender técnicas seguras que são muito simples, fáceis e rápidas de aplicar no seu dia-a-dia que promovem o equilíbrio dos nossos sistemas, maior resiliência face ao *stress* ou aos desequilíbrios hormonais e o fortalecimento do nosso sistema

imunitário. Esta é uma das grandes vantagens da Medicina Energética – entregar o poder sobre o bem-estar e a saúde ao praticante.

**1.ª SESSÃO — 25 DE FEVEREIRO**  
Rotina Energética Diária

**2.ª SESSÃO — 11 DE MARÇO**  
Stress & Ansiedade

**3.ª SESSÃO — 18 DE MARÇO**  
Equilíbrio Hormonal

**4.ª SESSÃO — 25 DE MARÇO**  
Fortalecimento da Imunidade

Lígia é fundadora da Innate Wisdom e terapeuta de Medicina Energética. Com formação em engenharia química, tem mais de 20 anos de experiência em áreas como telecomunicações, cosmética e indústria, sempre focada no desenvolvimento de pessoas. Durante uma fase de transformação pessoal, descobriu a Medicina Energética e, ao vivenciar os seus benefícios, sentiu-se inspirada a partilhar esse conhecimento. Formada em Inglaterra como Terapeuta Clínica de Eden Energy Medicine, valoriza a simplicidade e acessibilidade deste método, que promove a saúde e o bem-estar físico, mental e emocional ao alcance de todos. Hoje, acompanha os seus clientes no seu percurso para uma vida mais plena.





27 DE FEVEREIRO, 6, 13 E 27 DE MARÇO E 3 DE ABRIL — 18H30

# Economia e Finanças para Iniciados (Ou o Economês para Não Economistas)

por João Duque

Se tem curiosidade em compreender o que é a Economia e as Finanças numa versão básica e não escolástica, se tem imensas dúvidas e tem vergonha de perguntar, se gosta de aprender mas acha maçador estar só, frente a um computador ou a deslizar os dedos no telemóvel, se quer aprender de modo calmo e adequado à sua capacidade de assimilar os conteúdos, se quer uma metodologia que não obriga a assistir a todas as sessões porque se perde uma perde o fio condutor, se quer aproveitar e encontrar pessoas que estão como você e quer ainda aproveitar para fazer umas compras numa excelente loja, então este curso é para si. O curso é composto por 5 sessões independentes que lhe vão dar a possibilidade de conhecer a forma básica de entender os conceitos básicos de algumas das grandes áreas da economia e das finanças dos países e das empresas.

## 1.ª SESSÃO — 27 DE FEVEREIRO

A Economia e as Finanças –  
Noções básicas de economês

## 2.ª SESSÃO — 6 DE MARÇO

A Economia das Nações e as  
medidas da atividade humana

## 3.ª SESSÃO — 13 DE MARÇO

As Finanças das Nações –  
A Moeda, os bancos e a dívida

## 4.ª SESSÃO — 27 DE MARÇO

A Economia das Empresas –  
Da conceção dos produtos  
à venda e cobrança

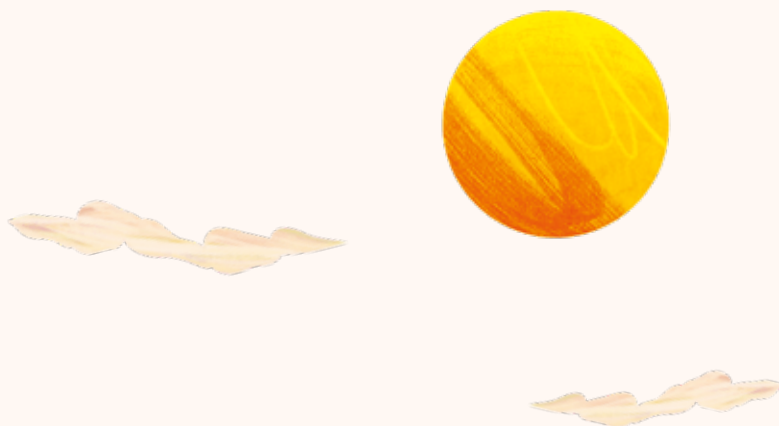
## 5.ª SESSÃO — 3 DE ABRIL

As Finanças das Empresas –  
os produtos e os seus mercados.



João Duque licenciou-se em Organização e Gestão de Empresas pelo ISEG, Universidade de Lisboa, em 1984. Obteve o grau de doutor em 1995, pela Universidade de Manchester (Manchester Business School), com uma tese sobre mercados de opções financeiras. Em 2009 tomou posse como presidente do ISEG, cargo que exerceu até 2014 e a que voltou em novembro de 2022, permanecendo como professor catedrático do Departamento de Gestão. Para além das atividades académicas assina a coluna Confusion de Confusiones no jornal *Expresso*, é comentador da SIC e da Rádio Renascença para a área económica, tendo sido um dos membros do painel permanente do famoso programa Plano Inclinado naquele canal de televisão português. É membro do Conselho Geral e de Supervisão da Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo e preside ao Comité de Remunerações da REN e vogal do Conselho Fiscal da Novabase.





5, 12 E 19 DE MARÇO — 18H30

# Camilo Castelo Branco (1825-1890)

## O primeiro romancista português

por Abel Barros Baptista

### 1.ª SESSÃO — 5 DE MARÇO

Camilo foi um escritor de grande prestígio e sucesso ao longo do séc. XIX. Chegou mesmo a ser considerado “o primeiro romancista português”. Agora, no segundo centenário do seu nascimento, essa designação ainda permanece válida? A primeira aula responderá a esta pergunta, através de uma abordagem da figura de Camilo e das particularidades da sua obra: a relação de Camilo com a literatura do seu tempo, o seu profissionalismo e modo de encarar a literatura. Tudo no sentido de mostrar que ainda hoje vale a pena ler Camilo.

### 2.ª SESSÃO — 12 DE MARÇO

*A Queda dum Anjo* (1866) é um dos mais conhecidos romances de Camilo, e será talvez o que beneficia de melhor reputação. Nada disso injustificado. Trata-se de um romance cómico original, que segue as aventuras políticas e amorosas de um fidalgo de educação antiga, Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda, realçando as surpresas da sua experiência na capital e no parlamento. A segunda aula será dedicada a este romance extraordinário, com referências a outros menos conhecidos.

### 3.ª SESSÃO — 19 DE MARÇO

A terceira aula tratará da obra *Novelas do Minho* (1875-1877) com destaque para “Maria Moisés”, uma das obras-primas menos amadas de Camilo. Escrita em plena maturidade do autor, permitirá rever a obra anterior e reapreciar os lugares-comuns que a seu respeito foram sendo difundidos, na escola e fora dela. A atualidade de Camilo confirma-se muito claramente nesta última novela.



Abel Barros Baptista é ensaísta, cronista literário e professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi diretor-adjunto da revista *Colóquio/Letras*. Concebeu e dirigiu, nas Edições Cotovia, a coleção *Curso Breve de Literatura Brasileira*, catorze volumes publicados em 2005 e 2006. Autor de vários livros e ensaios sobre temas e autores das literaturas portuguesa e brasileira, tem-se dedicado em particular à obra de Machado de Assis; os principais trabalhos que dedicou a Camilo encontram-se reunidos no volume *Futilidade da Novela. A Revolução Romanesca de Camilo Castelo Branco* (2012), publicado no Brasil pela Editora da Unicamp. Os seus últimos livros são *E Assim Sucessivamente* (2015), compilação de crónicas literárias, e *Obnóxio* (2019), miscelânea literária, ambos publicados pelas Edições Tinta-da-China.





6, 7 E 8 DE JANEIRO — 18H30

## Uma História da Arte Portátil

por José Carlos Pereira

Propõe-se uma pequena e portátil história da arte a partir de três obras de três pintores: Leonardo da Vinci, Nicolas Poussin e Caspar David Friedrich, respectivamente A Virgem, o Menino Jesus e Santa Ana (Museu do Louvre), Pan e Siringe (Gemäldegalerie Alte Meister Desden) e Dois Homens Contemplando a Lua (Gemäldegalerie Neue Meister Desden). As análises das referidas obras constituem o mote para a introdução e a contextualização do renascimento italiano, do neoclassicismo francês e do romantismo alemão, sem prejuízo do que em cada obra de arte se possa revelar como pessoal e original de cada um dos pintores. As obras de arte excedem em

larga medida as categorias e os movimentos em que foram historiograficamente inseridas, e são, em si mesmas e na sua inter-relação, testemunhos vivos de um modo de ser e de pensar.

**1.ª SESSÃO — 6 DE JANEIRO**  
Leonardo da Vinci (1452-1519)  
A permanência da religião e a dessacralização das imagens.

**2.ª SESSÃO — 7 DE JANEIRO**  
Nicolas Poussin (1594-1665)  
O regresso da mitologia e a idealização das imagens.

**3.ª SESSÃO — 8 DE JANEIRO**  
C. D. Friedrich (1774-1840)  
A dimensão simbólica da ruína e a melancolia das imagens.



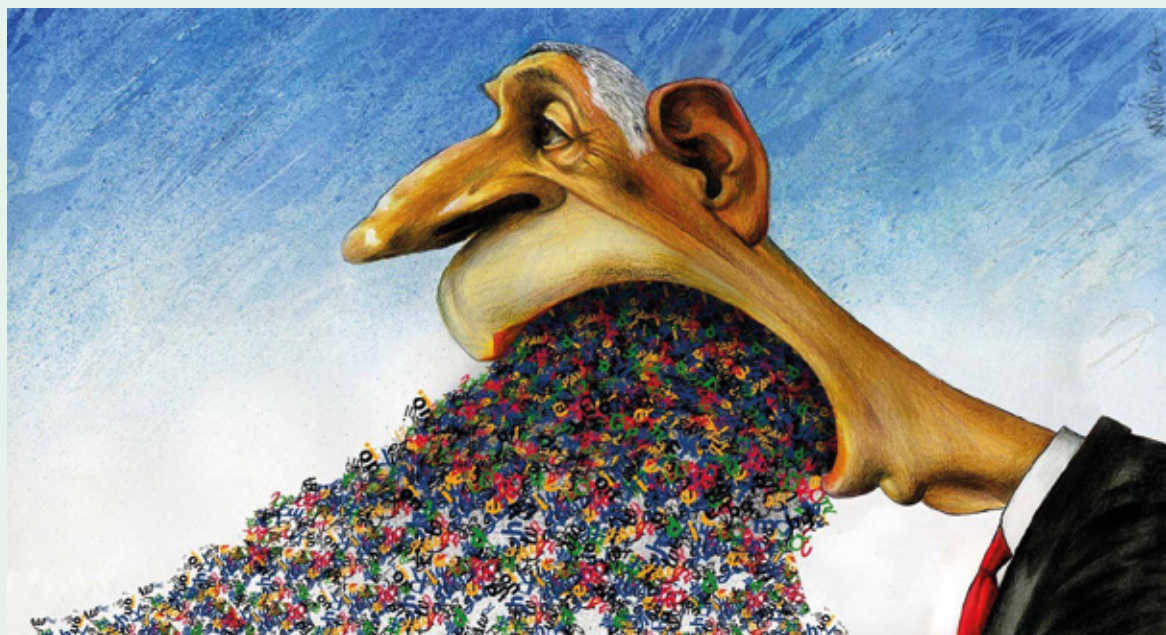
José Carlos Pereira é licenciado em Filosofia, mestre em Teorias da Arte, doutorado em Estética, e professor auxiliar agregado na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. É autor dos seguintes livros: *O Valor da Arte* (2016, Fundação Francisco Manuel dos Santos), *As Doutrinas Estéticas em Portugal: do romantismo à Presença* (2011, Editorial Hespéria), *Olhar e Ver: 10 obras + 2 para compreender a arte* (2ª edição no prelo), e *M. Heidegger. H.-G. Gadamer e Paul Ricoeur — Temas de Estética* (2023, CIEBA-Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa)



9 DE JANEIRO, 20 DE FEVEREIRO E 20 DE MARÇO — 18H30

## A Escuta do Mundo

conferências por Nuno Artur Silva (VER PÁGINA 5)



**LANÇAMENTO: 13 DE JANEIRO — 18H30**

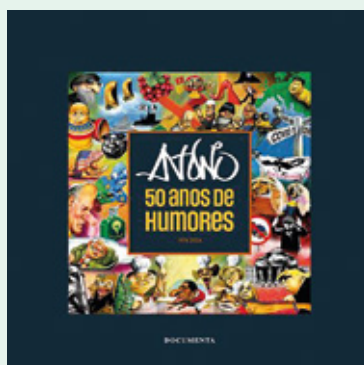
**EXPOSIÇÃO: 13 DE JANEIRO — 13 DE FEVEREIRO**

# António: 50 Anos de Humores

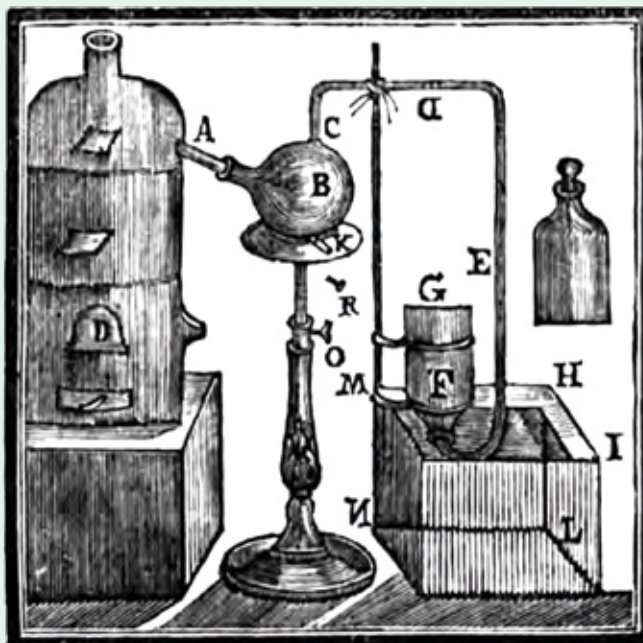
de António Antunes

Na impossibilidade de se expor toda a vasta obra de António – afinal, há meio século que o caricaturista político tem vindo a retratar o mundo como ninguém –, escolhemos algumas das peças mais marcantes dos últimos 50 anos para dar conta dos seus traços afinados, a inteligência mordaz, a capacidade de pensar a sociedade e fixar-lhe os momentos cruciais em rasgos humorísticos de génio que o tornam um nome incontornável no universo do cartoonismo. António coleciona insólitos, personalidades, polémicas, acontecimentos políticos, culturais e sociais, numa análise independente que nos acompanhou nesta redescoberta da liberdade nas últimas cinco décadas. Um número redondo ao serviço da sátira que resulta agora no livro *50 Anos de Humores* (da

editora Documenta) e na exposição homónima *António: 50 Anos de Humores*, composta por desenhos e escultura, patente de 13 de janeiro a 13 de fevereiro na Sala de Âmbito Cultural de Gaia. Impossível ficar de maus humores com esta história do país e do mundo.



António Antunes nasceu em Vila Franca de Xira, em 1953. Coursou Pintura e iniciou-se posteriormente no cartoonismo a 16 de março de 1974, no jornal *República*, começando a colaborar no semanário *Expresso* no final do mesmo ano. É autor de *Figuras de Lisboa*, 50 caricaturas de personalidades relevantes da vida política, cultural e artística da cidade, realizadas em pedra encastrada, que constituem a animação plástica da estação “Aeroporto” do Metro de Lisboa. Comissário do Cartoon Xira e diretor do World Press Cartoon. Realizou exposições individuais um pouco por todo o mundo. Amplamente distinguido nacional e internacionalmente, destacam-se as condecorações, em 2005, com a Ordem do Infante Dom Henrique no grau de Grande Oficial e, em 2023, com a Ordem da Liberdade no grau de Comendador.



14, 21 E 28 DE JANEIRO, 4 E 11 DE FEVEREIRO — 18H30

# História da Ciência em Portugal

por Carlos Fiolhais

A evolução das ciências em Portugal sempre esteve enquadrada na história da ciência mundial. Apresenta-se uma síntese da história da ciência em Portugal desde a época dos Descobrimentos, que precedeu a Revolução Científica, até à entrada de Portugal na União Europeia (com o enorme crescimento da investigação científica), passando pela ação pedagógico-científica dos Jesuítas, pela Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, pela ciência nas escolas politécnicas de Lisboa e Porto, e pela ciência na Primeira República, com o aparecimento de novas universidades, e pelas dificuldades durante o Estado Novo. Foca-se a receção entre nós de grandes figuras da ciência como Galileu, Newton, Lavoisier, Darwin e Einstein. Destaca-se evolução da medicina e da farmácia, com a atividade nas escolas superiores de Coimbra, Lisboa e Porto e nos hospitais.

## 1.ª SESSÃO — 14 DE JANEIRO

A universidade medieval, o papa português e os Descobrimentos.

## 2.ª SESSÃO — 21 DE JANEIRO

A receção de Galileu: A Revolução Científica e o papel dos jesuítas na sua difusão no Oriente.

## 3.ª SESSÃO — 28 DE JANEIRO

Os Oratorianos, os Estrangeirados e o “terramoto” pombalino.

## 4.ª SESSÃO — 4 DE FEVEREIRO

O liberalismo e as Escolas Politécnicas e Médico-Cirúrgicas. As ciências da vida e a receção de Darwin. As ciências da Terra e do Espaço e a receção de Einstein.

## 5.ª SESSÃO — 11 DE FEVEREIRO

A Medicina e o único Nobel português. O Estado Novo e a Ciência.



É professor de Física aposentado da Universidade de Coimbra, foi diretor da Biblioteca Geral daquela Universidade, e dirige actualmente a coleção «Ciência Aberta» da Gradiva. É autor de numerosos livros pedagógicos e de divulgação científica, como *Toda a Física Divertida* (Gradiva) e ainda do livro *História da Ciência em Portugal* (Arranha-Céus), onde está o conteúdo do curso. Recebeu vários prémios e distinções.



15, 16, 22 E 23 DE JANEIRO — 18H30

# História Popular de Portugal

por Raquel Varela



Quando o Rei mandou o povo submeter-se aos invasores, os povos da Península Ibérica desobedeceram, iniciando a revolução contra as invasões francesas. Entrava na história o povo em revolução: resistente à usurpação de terras pela nobreza e os liberais; à taxaçoão sufocante que os expropriava, em mais de 30 revoltas no século XIX. Ao mesmo tempo, o povo inaugura a luta pela emancipação da exploração - no Rossio em 1838, na conquista pelo direito de reunião, na primeira greve da história do país em 1849; no

apoio nos infortúnios, na luta pela redução do horário de trabalho e aumentos salariais, na edificação cultural. Na revolução ibérica de 1868, recebendo logo depois os ventos da Comuna de Paris, na luta por direitos sociais e políticos, na resistência ao fascismo nos anos 1930 até à Revolução dos Cravos, a última e mais importante revolução socialista da Europa do pós-guerra, e à emergência dos novos movimentos sociais e novo sindicalismo, findo o pacto social em 2008. Há história sem o povo que a faz?

Raquel Varela é historiadora e professora na FCSH/UNL. É presidente do Observatório para as Condições de Vida e Trabalho e coordenadora do Social Data/Nova Sustainability. É autora de *História do Povo na Revolução Portuguesa*, *Breve História da Europa*, *Breve História de Portugal* (escrito com Roberto della Santa), *Quem Paga o Estado Social em Portugal?* (coord). É autora de ensaios sobre a contemporaneidade, como *Do Medo à Esperança*, com Coimbra de Matos, ou *Para Onde Vai Portugal?*, editados pela Bertrand. Publicou com Robson Vilalba a novela gráfica *Utopia* e em 2024 estreou-se no romance biográfico com *O Canto do Melro*, a vida do padre revolucionário José Martins Júnior.

## 1.ª SESSÃO — 15 DE JANEIRO

A revolução contra as invasões francesas. Os camponeses contra a expropriação das terras. A luta dos artesãos contra a proletarização e alienação no trabalho. As migrações e o exército industrial de reserva. A revolução de 1836-38. Da Maria da Fonte à crise de 1870. As revoluções de 1848 e as primeiras greves operárias. O Mutualismo.

a caridade, a solidariedade. Fundos de Greve. As Conferências Democráticas. O que é o Socialismo? Educação, para quem? O 1º de Maio, o sindicalismo revolucionário.

## 2.ª SESSÃO — 16 DE JANEIRO

Da Fraternidade Operária ao jornal *A Batalha*. Como os mais de 350 jornais de trabalhadores, as greves de solidariedade e os seus fundos de greve marcaram a viragem do século XIX para o XX, e a situação pré-revolucionária durante a Primeira República? Crise, guerra e revolução: a tríade da história contemporânea. A revolução ibérica e a Comuna de Paris (1868-1973). A Internacional e a Fraternidade Operária. Contra

3.ª SESSÃO — 22 DE JANEIRO  
Da Primeira República à Ditadura Militar: uma situação pré-revolucionária? As lutas operárias contra a repressão burguesa republicana. A resistência à I Guerra Mundial e a influência da Revolução Russa. O Iberismo revolucionário. A Revolução Ibérica - Portugal e Espanha nos anos 1930. A derrota histórica do movimento operário. A resistência cultural e política. As revoluções anticoloniais e a luta contra a guerra colonial. As correntes marxistas. As cheias de 1967 e a «Nova Esquerda». A revolução na Europa, 1968. A Canção de protesto: as greves de 1968 a 1970.

## 4.ª SESSÃO — 23 DE JANEIRO

A história da revolução social nascida em 1961, com base na revolta dos trabalhadores forçados e na direção política dos movimentos nacionalistas de libertação africanos. A revolução é um processo histórico de dezanove meses, onde nos locais de trabalho houve uma democracia participativa, com dualidade de poderes, contra o Estado e a classe dominante, num país que nunca existira como tal para a maioria. O devir da democracia liberal. Do 25 de Novembro de 1975 à Lisnave, do cavaquismo à crise do pós-troika ou ao governo da Geringonça, passando pela reestruturação produtiva e o papel dos sindicatos. Que futuro?

17 DE JANEIRO — 18H30



# A palavra menos a língua

performance por Calí Boreaz

com Carolina Morais Fonseca e Tiago Baptista (VER PÁGINA 4)

Gaia conferência



**20 E 27 DE JANEIRO — 18H30**

# Geografia de Camilo

por Francisco José Viegas

A biografia de Camilo Castelo Branco começa em Lisboa, onde nasceu, na Rua da Rosa, ao Bairro Alto e terminará em São Miguel de Seide, Famalicão - mas, pelo meio, há Vila Real, Vilarinho da Samardã, Lixa, Granja Velha, Coimbra, Póvoa de Varzim, Ribeira de Pena, Covas do Douro, Viana do Castelo, Vila do Conde. A lista das suas peregrinações não tem fim, contando com o Porto, que ama e detesta; é lá que a sua vida ganha e perde intensidade, ou esperança; é lá que parte essencial da sua biografia decorre. Livro a livro, os cenários multiplicam-se: Braga, Viana do Castelo, Viseu, Lamego,

Fafe, Vizela, Santo Tirso, o Barroso, Vieira do Minho, Leça da Palmeira, Régua, Coimbra, Lisboa - mas, na maior parte dos cenários, o Porto e o Minho. Cada lugar dos seus livros é um lugar na sua biografia distribuída por todo o território, mas sobretudo no Norte - onde os romances, novelas, contos e polémicas assentam como um edifício literário único. O que se pretende é visitar essa geografia, sugerir um mapa literário camiliano para acompanhar a primeira leitura de Camilo - ou a reavistação da sua obra a partir desta perspetiva: a paisagem, a geografia.

Francisco José Viegas nasceu em março de 1962, no Alto Douro, no Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. É editor da Quetzal e diretor da revista Ler. Foi professor e jornalista além de diretor da revista *Grande Reportagem* e da Casa Fernando Pessoa. Colaborou em vários jornais e revistas, foi autor de vários programas na rádio e televisão, e desempenhou as funções de secretário de Estado da Cultura. Mantém, desde 2008, uma coluna diária sobre livros no CM. Da sua obra destacam-se títulos de poesia (reunidos na antologia, *Deixar um Verso a Meio*) e romances como *Regresso por um Rio*, *As Duas Águas do Mar*, *Um Céu Demasiado Azul*, *Um Crime Capital*, *Lourenço Marques*, *Longe de Manaus* (Grande Prémio de Romance e Novela da APE), *O Mar em Casablanca*, *O Colecionador de Erva*, *A Luz de Pequim* (Prémio Fernando Namora, Prémio Pen) além da coletânea de histórias do detetive Jaime Ramos, *A Poeira Que Cai Sobre a Terra*. Publicou também vários livros de crónica, viagem e gastronomia.

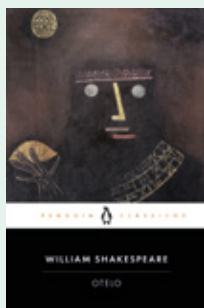
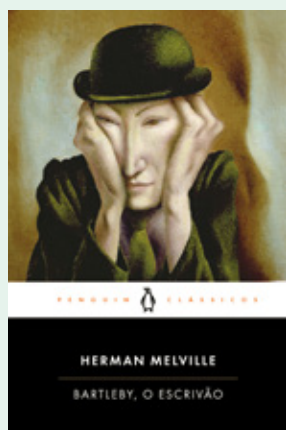


**24 DE JANEIRO — 18H30**

# O estado da política no Ocidente

conferência por Miguel Morgado (VER PÁGINA 12)

ciclo “conhecer os clássicos” **Gaia**



**29 DE JANEIRO — 18H30**

**Bartleby,  
O Escrivão**  
de Herman Melville  
por Pedro Sobrado



Pedro Sobrado nasceu no Porto em 1976. Formado em Ciências da Comunicação e Estudos de Teatro.

É professor de dramaturgia. Trabalhou no departamento de Edições do Teatro Nacional São João, de que é, desde 2018, presidente do conselho de administração. Participou como dramaturgista em espetáculos de Nuno Carinhas e de Ricardo Pais. Tem publicado ensaios sobre autores como Gil Vicente, Bertolt Brecht, Eugene O’Neill, Jean Genet ou Samuel Beckett, bem como sobre as relações entre Bíblia e literatura. Mencione-se *Quase Nada, um pequeno livro sobre Robert Walser* (Húmus, 2020), e *Cousas de Devoção, uma coletânea de ensaios sobre Gil Vicente* (Húmus, 2023).

**27 DE FEVEREIRO — 18H30**

**Otelo; Macbeth;  
António e Cleópatra**  
de William Shakespeare  
por Daniel Jonas



Daniel Jonas nasceu no Porto em 1973. Publicou vários livros de poemas, entre os quais *Sonótono* (Prémio PEN 2007), *Nó* (Grande Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes 2014) e *Oblívio* (Prémio dst e Prémio António Gedeão 2018). O conjunto da sua obra mereceu o Prémio David Mourão-Ferreira/Cátedra Aldo Moro da Universidade de Bari e foi um dos sete poetas europeus nomeados para o Prémio Europeu da Liberdade atribuído por Gdansk, pelo livro *Passageiro Frequente*. Em 2022 a obra *Cães de Chuva* (Assírio & Alvim) recebeu o Prémio Literário Fundação Inês de Castro e Contos valeu-lhe o Grande Prémio de Tradução Literária APT/SPA.

**19 DE MARÇO — 18H30**

**Frankenstein: ou o  
Prometeu Moderno**  
de Mary Shelley  
por Alexandre Quintanilha



Alexandre Quintanilha viveu os primeiros 25 anos na África Austral, onde se formou, os 20 anos seguintes na Bay Area da Califórnia e os últimos 30 anos em Portugal. O pai açoriano e a mãe berlinense reforçaram a sua curiosidade e vontade de arriscar. Teve a sorte de liderar inúmeros grupos de trabalho e de conviver com pessoas imensamente inspiradoras. Doutorou-se em Física, estudou o *stress oxidativo* nos seres vivos e a forma como lidamos com o risco. Criou e ajudou a criar vários centros de investigação e vários cursos graduados nas Universidades de Berkeley e do Porto, sempre multi-disciplinares. Como parlamentar, contribuiu para uma política baseada no conhecimento.

**O projeto «Conhecer os Clássicos» chega em 2025 ao El Corte Inglés Gaia**, para abrir novas perspetivas sobre clássicos de sempre. Depois das introduções que assinaram para a icónica coleção Penguin Clássicos, oiçamos, em janeiro, Pedro Sobrado sobre *Bartleby, O Escrivão*, de Herman Melville; em fevereiro, o poeta e tradutor Daniel Jonas brinda-nos com um olhar sobre *Macbeth*, *Otelo*, e *António e Cleópatra* — quatro nomes, três tragédias —, de William Shakespeare; e em março, o professor Alexandre Quintanilha levanta o véu sobre *Frankenstein: ou o Prometeu Moderno*, de Mary Shelley.

Gaia ciclo “poemar”

30 DE JANEIRO – 18H30

# História & estórias de poemas em Alexandre O’Neill

por **Isaque Ferreira, Daniela Dias Carvalho e Ana Madalena Ribeiro**



O leitor atento não necessita suspeitar que, nas imediações do poema, outras circunstâncias, reais ou imaginadas, tenham edificado tais versos. Na obra de Alexandre O’Neill, a montante e a jusante, são múltiplas as conexões e o POEMAR CONSIGO segue esse filão. Em fim

de tarde atravessado pelo violino de Ana Madalena Ribeiro, Isaque Ferreira convoca Daniela Dias Carvalho à partilha de poemas, *gaivota, sigamos o cherne, o ladrão do pão, o poema pouco original do medo, um adeus português*, sua história e suas estórias.



Ana Madalena Ribeiro é uma das mais destacadas jovens violinistas portuguesas. Terminou a Licenciatura na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto, na classe de violino da Professora Zofia Wóycicka, com classificação máxima. É detentora de importantes prémios nacionais, destacando-se o 1.º Prémio na 28.ª edição do “Prémio Jovens Músicos - RDP”. Apresenta-se regularmente a solo e com agrupamentos de música de câmara. Atualmente é chefe de naipe dos segundos violinos da Orquestra Sinfónica do Porto — Casa da Música.



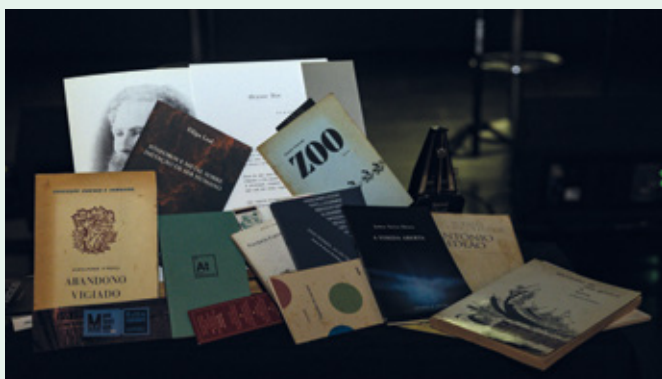
Daniela Dias Carvalho é uma artista interdisciplinar formada em teatro, dança e arquitetura. Trabalha entre palco, produção cultural, investigação e educação artística infantil. Desenha, escreve, recita, organiza, mas diz ser, no âmago, uma eterna estudante. É membro do coletivo poético Lupa, fundadora da Tara Artistic Productions e coordenadora do núcleo do Porto da ONG Mother Earth. Vive entre França e Portugal.



Isaque Ferreira nasceu no Porto, em 1974. Leitor de poesia. Programador cultural. Bibliófilo. Uma das vozes assíduas nas Quintas de Leitura (Porto). Diz poesia em todo o lado. Coordena, orienta e programa vários ciclos de poesia e integra Caixa Geral de Despojos e Stand Up Poetry. Responsável do laboratório “Para que Alguns a Possam Amar”. Participa em *Terceiro Pano* (de João Filipe Jorge), *Dia de Visita* e *A Bicicleta* (de Luís Vieira Campos), *As Cartas do Rei Artur* (de Cláudia Rita Oliveira) e *Decrescente* (de Saguenail). Antologiu a obra poética de João Habitualmente. Dirige a Exemplo Extremo. Está a ler.







26 DE MARÇO – 18H30

# No tempo em que os animais falavam...

## Para uma diversa liberdade poética

por **Isaque Ferreira, Marco Figueiredo, Ianina Khmelik, Rodrigo Brito e Constança Amador**

O poema, tão frágil, a tamanha liberdade. Junto ao meio século de Abril, muito há a fazer em tanto ar de palavras, música só imensa, traços de maré e cor. E evitando algo a voltar-se em artificial. Conquistar espaço bom e inteiro para o futuro. É assim o tempo em que os animais falavam...

Sobre a ilustração de aConstança, por rodeado trio, Ianina Khmelik, Marco Figueiredo e Rodrigo Brito, em geometrias e lugares sonoros, poemas próximos e ditos por Isaque Ferreira. No tempo em que os animais falavam... cheia de sentido(s) esta liberdade, muito especial e única para o POEMAR, vista por dentro.



Marco Figueiredo. Licenciado em piano jazz pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo. Começou a tocar piano aos 8 anos, entra para o conservatório regional de Castelo Branco e mais tarde estuda no conservatório de Coimbra. Em 1998 dedica-se ao jazz e tem aulas com Paulo Gomes, Joaquim Roberto e mais tarde com João Paulo Esteves da Silva. Por essa altura participa em inúmeros workshops com músicos de renome como Myra Melford, Aaron Goldberg, Omer Avital, Kuong Vu, Rufus Reid entre outros. Já gravou quatro albums em nome próprio, e fez mais de uma dezena de participações discográficas noutros projetos.



Ianina Khmelik nasceu em Moscovo. Iniciou os estudos musicais aos 5 anos de idade e mais tarde ingressou na Escola Profissional de Música Gnessin, na classe de L. Shevrekuko. Reside em Portugal desde 1999 e em 2006 terminou a Licenciatura em Violino na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo, na classe de Zofia Wóycicka. Estudou violino barroco com Richard Gwilt, integrando a Orquestra Barroca da Casa da Música. Colabora com vários orquestras e agrupamentos tais como Orquestra Metropolitana de Lisboa, Remix Ensemble, Tubax, Orquestra Clássica do Faial, Orquestra Barroca Casa da Música entre outros. Atualmente integra a Orquestra Sinfónica do Porto – Casa da Música.



Após terminar o 12º ano na Escola Profissional Artística do Alto Minho, classe de violoncelo do Professor Iminas Kucinskas, Rodrigo Brito recebe uma bolsa de mérito e prossegue os estudos na Academia Nacional Superior de Orquestra, na classe de violoncelo de Paulo Gaio Lima, sob tutoria orquestral do maestro Jean-Marc Burfin. Integrou várias orquestras nacionais e fez *masterclasses* com prestigiados violoncelistas. Ganhou prémios em competições a solo e de música de câmara. Atualmente é professor de violoncelo na Academia de Música de Viana do Castelo e frequenta o mestrado em Ensino de Música na Universidade do Minho.



Constança Araujo Amador desenvolve a sua arte na ilustração de poesia contemporânea portuguesa e na sua relação com a natureza, com obra publicada em livros, jornais e revistas. Participa em exposições individuais e coletivas. Leciona no ensino superior politécnico e é formadora em ilustração na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), onde frequenta o doutoramento em artes plásticas. Mestre em ilustração e animação (IPCA), pós-graduada em gestão cultural (UPT) e licenciada em artes plásticas – pintura (FBAUP).

1, 8, 15 E 22 DE FEVEREIRO – 18H30

# A Pólis entre 10 filósofos

por David Erlich



Partilha o filósofo francês André Comte-Sponville: “Para que pode servir a Filosofia contemporânea? Para viver juntos da melhor maneira: no debate racional, sem o qual não existe democracia, na amizade, sem a qual não existe felicidade, finalmente na aceitação, sem a qual não existe serenidade”. O objetivo deste curso é, pois, fazer um caminho possível pelas tensões que habitam a raiz do político na tradição ocidental, ancorado na figura de dez pensadores incontornáveis. Almeja-se um percurso de procura racional pelo significado das perspetivas filosóficas abordadas, num clima de serenidade reflexiva e liberdade de pensamento.

## 1.ª SESSÃO – 1 DE FEVEREIRO

A República de Platão e a Política de Aristóteles: os dois arquétipos gregos do pensamento político ocidental. O contraste entre o idealismo platónico na defesa de uma sofocracia – governo dos que, pela via racional, alcançaram a Verdade – e o regime misto aristotélico. Esta diferença ressurgiu, na Idade Média, em Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino.

## 2.ª SESSÃO – 8 DE FEVEREIRO

O início da modernidade europeia assiste à publicação das célebres *Utopia*, de Thomas More, e *O Príncipe*, de Maquiavel. Dois livros incontornáveis na procura de um retrato destas duas tradições de pensamento político, a utopia e o realismo, sem deixar de perscrutar em que pontos a Utopia não é utópica e Maquiavel não é maquiavélico.

## 3.ª SESSÃO – 15 DE FEVEREIRO

O contratualismo como tese que pretende responder ao problema da origem do poder político. Veremos três autores contratualistas – Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau – que, convergindo na noção do contrato social como ato originador da esfera pública, divergem no retrato que fazem do que havia antes, variando entre o bom selvagem e o homem lobo do homem.

## 4.ª SESSÃO – 22 DE FEVEREIRO

Pensar a política após 1945 exige olhar de frente para a escala de violência e desumanização durante a II Guerra Mundial, e para a tipologia de regime na sua génese. Faremos isso através de Hannah Arendt, percorrendo *As Origens do Totalitarismo* e *Eichmann em Jerusalém* – uma reportagem sobre a banalidade do mal, procurando pistas para que seja verdadeiro o mote nunca mais.

Professor de Filosofia no ensino secundário, David Erlich é licenciado em Ciência Política com minor em Filosofia, mestre em Filosofia e mestre em Ensino de Filosofia, cuja classificação final o incluiu no Quadro de Mérito da NOVA FCSH, em que cursa atualmente o Doutoramento em Filosofia, na variante de História da Filosofia. Participou em diversas publicações e conferências académicas e educacionais, nomeadamente no Festival Literário Internacional de Óbidos, no Humanorama – Festival de Conversas do Rock in Rio, nas Leya Talks, no TedX Alcobaça ED e na conferência “Wonder, Education and Human Flourishing”, organizada pela Universidade Livre de Amesterdão. Poeta com três livros publicados. Integra o grupo de reflexão “O Futuro Já Começou”, que funciona junto do Presidente da República. Cronista *online* da revista *Sábado*. Publicou recentemente, na editora Planeta, o livro *A Bebedeira de Kant* – e outros 49 episódios da história da filosofia para pensar a sorrir.



31 DE JANEIRO – 18H30

# Noble et sentimental

conferência por Cesário Costa (VER PÁGINA 6)

5 DE FEVEREIRO — 18H30

# Palavras descruzadas

por António Bagão Félix



*A palavra é metade de quem a pronuncia, metade de quem a ouve.*  
Montaigne (1533-1592)

Uma língua é uma realidade viva, não um edifício estático de palavras e regras. Molda-se e recria-se em função das necessidades de comunicação, das mutações sociológicas, de novas abordagens de costumes, tradições e comportamentos, de mudanças de natureza axiológica, da evolução geracional, das alucinantes alterações tecnológicas.

Todavia, esta tendência não deve conviver com a irracionalidade do erro tornado norma, com a degradação da exigência educativa e escolar, com a palavra feita de pressa, com a primazia da proficiência tecnológica dos meios que algemam o bem falar e empobrecem o bem escrever, com a obsessão censória da correcção política. A diversidade lexical vai-se tornando na sua aplicação mais afunilada. O acervo das palavras

que se deram à descoberta ao longo dos tempos tende a reduzir-se, e a sua espessura e densidade a rarefazer-se. De certa forma paradoxal, a tecnologia oferece-nos novos meios na relação social, mas o mundo parece mais velho com a redução das palavras usadas. É visível a indigência, a incultura, a petulância e a anarquia com que se trata a língua portuguesa. Não apenas por um certo caos linguístico provocado pela adopção precipitada do chamado novo acordo ortográfico. Mas também porque se vem reduzindo a inquietação diante de erros que se cometem, lêem ou ouvem e que se vêm propagando à velocidade do vento, designadamente em meios comunicacionais, nas redes sociais e em pessoas que têm mais responsabilidades públicas e institucionais.

Economista. Foi ministro e secretário de Estado em vários governos nas áreas das Finanças, Segurança Social e Trabalho. Foi conselheiro de Estado, vice-governador do Banco de Portugal, administrador nos seguros e na banca, presidente da Comissão Justiça e Paz e membro de órgãos sociais de várias ONG e IPSS. Condecorado com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. Autor dos livros *Do lado de cá ao deus-dará* (2002), *O cacto e a rosa* (2008), *O conto do Vigário* (sobre texto de Fernando Pessoa) (2011), *Trinta árvores em discurso directo* (2013), *Raízes de vida* (2019), *Um dia haverá* (2020), *Natureza de Poesia* (co-autoria, 2022), *Palavras Descruzadas* (2022) e *757+575* (co-autoria, 2023), bem como de publicações de carácter técnico, social e religioso.

26 DE FEVEREIRO — 18H30

# Nós e as árvores na ca(u)sa comum

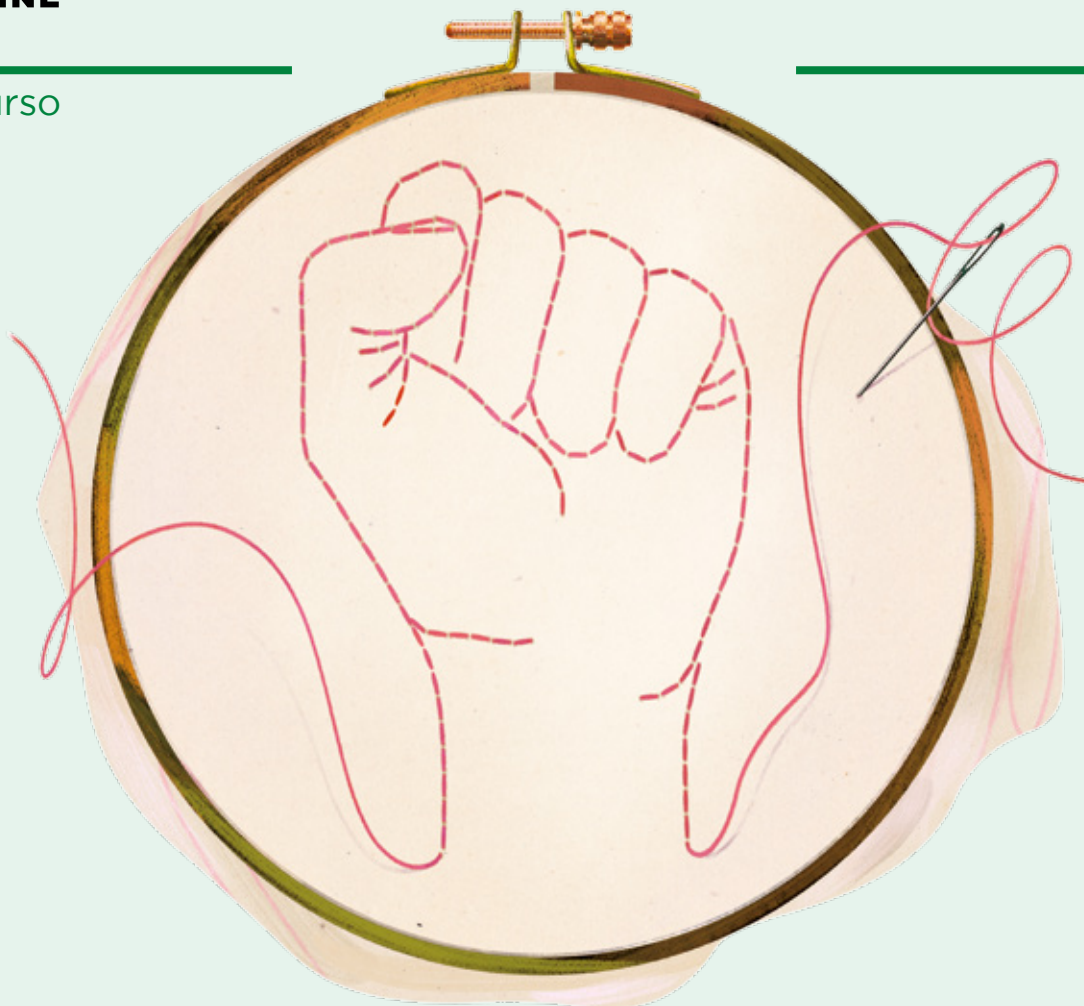
por António Bagão Félix

*Se eu soubesse que o mundo terminaria amanhã,  
hoje ainda plantaria uma árvore*  
Martin Luther King (1929-1968)

Um roteiro entre a pessoa e a árvore. Uma viagem entre o fascínio da árvore e a gratidão da purificação. Um itinerário botânico com dezassete estações. O começo. A viagem. A luz.

O crescimento. A sedução. A plenitude. A harmonia. A continuidade. A celebração. A maturidade. O tempo. A família. A gratidão. A liberdade. O outono. A despedida. A eternidade.





6, 7, 13, 14, 21 DE FEVEREIRO — 18H30

## As Revolucionárias

por Maria João Lopo de Carvalho



Ao longo de cinco sessões iremos abordar e refletir sobre a luta das nossas «avós» pelo feminismo, pelo papel da mulher na sociedade, pela igualdade entre os sexos, pelos direitos da mulher. A verdade é que o exemplo de coragem, destas doze revolucionárias, que iremos aprofundar ao longo de cinco sessões, abriu-nos o caminho, derrubou os muros para que hoje pudéssemos ter voz ativa e vida ativa na sociedade. E sobretudo liberdade de escolha. Iremos contextualizar a vida e as vidas atribuladas, apaixonadas e aventureiras destas doze mulheres com a História de Portugal e da Europa nos primeiros anos do século XX. Será um espaço de reflexão tomando por exemplos as escolhas destas mulheres (todas já adultas em 1910) muitíssimo diferentes e no entanto, estranhamente parecidas.

Nada sabemos hoje sobre amanhã, mas há uma certeza: a batalha que travaram mantem-se inacabada, há muito por fazer. O passado está escrito e o futuro?

**1.ª SESSÃO — 6 DE FEVEREIRO**  
**Maria Amália Vaz de Carvalho,**  
**Carolina Michaelis de Vasconcelos**  
**e Irene Lisboa**

**2.ª SESSÃO — 7 DE FEVEREIRO**  
**Adelaide Cabete e Beatriz Ângelo**

**3.ª SESSÃO — 13 DE FEVEREIRO**  
**Ana de Castro Osório**  
**e Virgínia de Castro e Almeida**

**4.ª SESSÃO — 14 DE FEVEREIRO**  
**Angelina Vidal e Virgínia Quaresma**

**5.ª SESSÃO — 21 DE FEVEREIRO**  
**Domitila de Carvalho, Regina**  
**Quintanilha e Maria Lamas**

É licenciada em Letras pela Universidade Nova de Lisboa. Foi professora de português e de inglês. Passou pelas áreas de educação e cultura na Câmara Municipal de Lisboa e foi *copywriter* numa agência de publicidade. Começou a publicar na Oficina do Livro em 2000. Tem cerca de oitenta títulos editados, vários *bestsellers*, entre romances, livros infantis, livros de crónicas e manuais escolares com a chancela do Instituto Camões. Tem tido grande destaque na literatura infanto-juvenil e é autora recomendada pelo Plano Nacional de Leitura. *Marquesa de Alorna* foi o seu primeiro romance histórico, já na 14.ª edição, estando neste momento a ser adaptado para uma série televisiva. Seguiram-se: *Padeira de Aljubarrota, até que o Amor me mate, o Fado da Severa, o Bisavô, As Revolucionárias, doze mulheres portuguesas desobedientes* e a *História de Portugal de cor e salteada*.



12 DE FEVEREIRO — 19H00

# Duo David Lloyd & Sérgio Almeida

da Orquestra Filarmónica Portuguesa

O concerto de fevereiro oferece uma viagem musical rica e variada, reunindo obras de compositores de épocas distintas. A conhecida Sonata em Lá Menor “Arpeggione”, de Franz Schubert, exibe a sensibilidade e profundidade do período romântico, enquanto a majestosa Sonata em Ré Maior HWV 371, de Georg Friedrich Handel, convida o público ao esplendor do barroco. Para encerrar, o estilo vienense e a

leveza de Fritz Kreisler manifestam-se em Liebesleid e Syncopation, com obras repletas de charme. Os intérpretes, David Lloyd (violino e viola-d’arco) e Sérgio Almeida (piano), unem as suas habilidades para dar vida a este repertório, criando uma experiência musical memorável.

**David Lloyd**, violino e viola-d’arco  
**Sérgio Almeida**, piano

## PROGRAMA

**Franz Schubert (1797-1828)**  
Sonata em Lá Menor “Arpeggione”,  
para viola e piano

**Georg Friedrich Handel (1685-1759)**  
Sonata em Ré Maior, HWV 371,  
para violino e piano

**Fritz Kreisler (1875-1962)**  
Liebesleid e Syncopation,  
para violino e piano



## Gaia conferência



18 DE FEVEREIRO — 18H30

# A Montanha Mágica

por Mário Augusto



As obras mais conhecidas de Thomas Mann resultaram em produções cinematográficas que nos deixam a pensar, filmes que nos obrigam a descobrir os livros desse grande escritor alemão do século XX. “Morte em Veneza” talvez tenha conseguido maior notoriedade no cinema por se tratar de um filme de Luchino Visconti mas a produção austríaca de 1982 — “A Montanha Mágica” é igualmente um filme que nos desinquieta e desperta a curiosidade por uma leitura mais atenta da obra publicada há um século. A ação decorre em 1907, com o jovem burguês Hans Castorp que visita o primo, internado num

sanatório para tuberculosos nas montanhas da Suíça. Mergulhado num ambiente claustrofóbico e fechado, o jovem Hans é infetado e acaba por ficar no sanatório durante sete anos. Celebrar o livro pode ser também uma boa tertúlia sobre o cinema e as adaptações de obras marcantes como é o caso deste “Montanha Mágica” um ambiente entre o mórbido e o mágico que nos leva depois ao eclodir da Primeira Guerra Mundial. A análise do filme de 1982 e discussão se uma grande obra literária é justamente adaptada ao cinema, é o ponto de partida para esta tertúlia que celebra os 100 anos da edição de *A Montanha Mágica*.

Mário Augusto nasceu em março de 1963. É jornalista de televisão desde 1986 (o que mais estrelas de cinema entrevistou em Portugal) e autor e apresentador de vários programas de divulgação cinematográfica. Realizou e produziu documentários premiados e foi autor de argumentos para o pequeno ecrã. Criou e dirigiu a revista *Cinemanía* e o projeto Academia RTP, destinado a descobrir e formar novos criadores de audiovisual. Foi um dos fundadores da SIC. Coordena e apresenta o mais antigo magazine de cinema da televisão portuguesa, *Janela Indiscreta*.



**EXPOSIÇÃO: 25 DE FEVEREIRO – 31 DE MARÇO**

# Cor das Palavras

de Rita Costa

A força das palavras e a expressão da pintura, são a base da exposição “Cor das palavras”. As relações interpessoais, as emoções, os sentimentos registados na poesia de Maria João Costa, são temática e inspiração à técnica e à perspetiva partilhada sobre uma das mais vincadas características humanas: os afetos. Pintura leve e expressiva, onde a gestualidade e espontaneidade são a marca da autora. No suporte, tela ou papel, regista de forma transparente, emoções, sentimentos e mensagens, partilhando com o público a criatividade e sensibilidade que lhe são reconhecidas.



Rita Costa nasceu em Lisboa, Portugal, em 1972. Formou-se em Design de Comunicação Visual na ESAD, Escola Superior de Arte e Design, em 1994.

Atualmente vive em Matosinhos, Porto, onde dirige a Oficina da Comunicação, um espaço de Arte e Design. A sua pintura é marcada pela gestualidade. A figura humana, suas vivências, costumes e expressões, como celebração do carácter humano e das relações pessoais, assumem-se como tema central sempre marcadas pela expressividade através de gestos rápidos em que emergem figuras singulares de cores vibrantes.





**28 DE FEVEREIRO, 7, 14, 21 E 28 DE MARÇO — 18H30**

# Tão longe e tão perto

## Cruzamentos do Património Português

por Joel Cleto

Que pode haver de comum entre o icónico Padrão do Salado, localizado no espaço mais buliçoso do centro histórico de Guimarães, e a fabulosa mas isolada capela gótica de Nossa Senhora da Boa Nova situada no Alentejo profundo, no Alandroal? E de que forma se relacionam o pequeno e antiquíssimo farol de S. Miguel o Anjo na Foz do Douro com as pinturas de Grão Vasco na catedral de Viseu? E o que é que a posição do busto de Camões na cidade do Porto tem que ver com o castelo de Penedono? Que importante acontecimento relaciona as muralhas fernandinas de Lisboa com a Quinta da Conceição em Leça da Palmeira? E o que é que aproxima o santuário de Panóias, às portas de Vila Real, com a desaparecida cidade romana de Amaia, na base de Marvão? A partir de grandes acontecimentos históricos ou de importantes monumentos do país, este curso pretende revelar interessantes

características do património português e de como, apesar de muitas vezes se encontrarem distanciados entre si por centenas de quilómetros, há lugares e monumentos que possuem curiosas e significativas ligações históricas.

**1.ª SESSÃO — 28 DE FEVEREIRO**  
Cruzamentos do património das lendas e mitos

**2.ª SESSÃO — 7 DE MARÇO**  
Cruzamentos de património pré-histórico e época romana

**3.ª SESSÃO — 14 DE MARÇO**  
Cruzamentos de património medieval

**4.ª SESSÃO — 21 DE MARÇO**  
Cruzamentos de património de época moderna

**5.ª SESSÃO — 28 DE MARÇO**  
Cruzamentos de património de época contemporânea



Joel Cleto (Porto, 1965) é arqueólogo, historiador e divulgador de História e Património. Licenciado em História (1987) e mestre em Arqueologia (1994), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Formador, professor, ensaísta e autor, é, ainda, apresentador da série *Caminhos da História*, galardoada, em 2016, com o Prémio Melhor Trabalho Media da Associação Portuguesa de Museologia. Foi distinguido pela autarquia do Porto, em 2017, com a Medalha Municipal de Mérito - Grau Ouro. É, presentemente, curador científico da instalação do polo central do Museu do Porto.





**3, 10, 17, 24 E 31 DE MARÇO – 18H30**

# Islão

por **Vitor Teixeira**

O Islão é um modo de vida. Mais do que uma religião, o Islão é um modo de vida natural que incentiva o crente a dar a devida atenção ao relacionamento com Deus e a Sua criação. É através da prática de boas acções e na procura de estar bem com Deus que os indivíduos encontram a verdadeira felicidade e a paz, assim ensina o Islão. Neste sentido, a palavra Islão tem a sua etimologia na palavra árabe “salaam”, ou “paz”. Mas também significa “submissão” ou “rendição” voluntária à vontade de Deus, no sentido de entrega. No Alcorão, Deus define que o único propósito para o qual Ele criou a humanidade é de esta O adorar e seguir os seus ensinamentos, através do profeta e da recitação (Alcorão). O Islão reconhece que a humanidade tem livre escolha em obedecer ou desobedecer a Deus, mas depois da morte todos serão responsabilizados por Deus pelas escolhas que se fizeram nesta vida. São c. 1 bilião de seres humanos que há mais de 1300 anos seguem os ensinamentos que o Profeta

Maomé transmitiu ao mundo. Para se falar do Islão, antes de tudo é preciso conhecer um pouco mais...

**1.ª SESSÃO – 3 DE MARÇO**  
Introdução. Etimologia e Terminologia. O Profeta Maomé: biografia, tradição

**2.ª SESSÃO – 10 DE MARÇO**  
O Alcorão: da Revelação ao Livro. Autoridade religiosa

**3.ª SESSÃO – 17 DE MARÇO**  
Crenças e Pilares fundamentais. Espiritualidade

**4.ª SESSÃO – 24 DE MARÇO**  
Profetas; Contexto histórico da Arábia e do mundo no século VII. Expansão e história do Islão. Escolas e correntes islâmicas: sunismo, xiismos, karadjitas / ibaditas, sufis

**5.ª SESSÃO – 31 DE MARÇO**  
Geopolítica do Islão; Islão ou Islamismo; fundamentalismos e extremismos. Conclusão. O Islão hoje e o futuro



Nascido no Porto (1969), licenciado em História (1991), mestre em História Medieval (1996) e doutorado em História (2004). É professor associado da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, e investigador integrado do CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. Adjunct-professor na Universidade Nacional de Malang, Indonésia, e Visiting Professor na Universidade de S. José (China). Na atualidade, o seu foco essencial de investigação é a história e cultura da presença portuguesa no Sudeste Asiático, em particular na Indonésia, país com o qual tem uma grande ligação, com projetos de investigação e docência.



**6 DE MARÇO – 18H30**

# O Desconcerto das Nações

conferência por **Pedro Cordeiro** (VER PÁGINA 13)

## Gaia conferência



27 DE MARÇO — 18H30

# Cultura e Ciência na Medicina de Hoje e de Amanhã

por Manuel Sobrinho Simões

Não por acaso escrevi Cultura antes da Ciência porque cada vez será mais importante perceber o valor da Saúde em termos de Bem-Estar, assim como procurar avançar no domínio das atitudes e dos comportamentos do Homem em comunidade. Sem diminuir a importância do desenvolvimento científico para conseguir curar e/ou controlar “diseases”, e tratar doentes cada vez mais personalizados – veja-se, por exemplo, as doenças neoplásicas – sabemos que o peso das futuras doenças será maior no domínio das “illnesses” (mal-estar, sofrimento) e “sicknesses”, numa sociedade cada vez marcada pela demografia e pelo excesso da longevidade. Entretanto, teremos cada vez mais a influência da cultura, comunicação, cooperação/colaboração e de outros aspetos da relação com os Outros. O futuro passará por aí em articulação com o desenvolvimento da medicina digital e o apoio da inteligência artificial.



Manuel Sobrinho Simões, médico, professor emérito da Universidade do Porto, especialista no diagnóstico e na investigação em cancro. Fundador e diretor do Ipatimup desde a criação em 1989. Publicou cerca de 400 artigos científicos que deram origem a mais de 18000 citações (factor h>65). Tem livros publicados na Europa, EUA e Japão. Presidiu ao Conselho Nacional dos Centros Académicos Clínicos e ao Conselho de Curadores da A3ES. Presidiu à Sociedade Europeia de Patologia de 1999 a 2001, tendo criado Centros da Escola Europeia de Patologia em vários países. Foi eleito pelos seus pares, em 2015, o “Patologista mais influente do mundo”. É administrador não executivo da Fundação Serralves e membro do Conselho Social da EAPN - Rede Europeia Anti-Pobreza. Trabalhou sempre em regime de dedicação exclusiva.

## gastronomia

30 JANEIRO, 20 FEVEREIRO

E 20 DE MARÇO — 18H30

## Gourmet WineBar Experience

por Club del Gourmet

Uma vez por mês, o Club del Gourmet do El Corte Inglés Gaia Porto organiza uma verdadeira viagem sensorial com degustações requintadamente harmonizadas. Para além das degustações, o balcão do WineBar disponibiliza, diariamente, um variado leque de experiências gastronómicas, sendo já considerado uma referência pelos nossos clientes mais exigentes.



23 JANEIRO, 27 FEVEREIRO

E 27 DE MARÇO — 20H30

## Jantares Vínicos

pelo chef Júlio Trigo

Mensalmente, o El Corte Inglés Gaia Porto, em parceria com os diferentes produtores, organiza um Jantar VínicO. Visto já como uma referência para os mais variados parceiros e clientes, o Jantar VínicO desempenha um papel fundamental na divulgação da gastronomia e das regiões vinícolas de todo o país. a ementa, essa, está a cargo do nosso chef, Júlio Trigo.



**26 DE JANEIRO — 11H00**

## Além das Nuvens

por **Thiago Franco**

Além das Nuvens conta a história de Nuno, um menino que já nasceu na era dos telemóveis e computadores. A aventura começa quando os pais do menino propõem um desafio: brincar durante uma tarde em um parque, sem telemóvel! Será possível? Nuno irá descobrir um mundo de possibilidades e brincadeiras que sairão de dentro de sua cabeça e imaginação!



**23 DE FEVEREIRO — 11H00**

## Contos sem pés nem cabeça

por **Clara Haddad**

Como seria se as histórias dos príncipes, das princesas, dos reis e das rainhas, das bruxas más e dos dragões que soltam fogo pelo nariz, comessem pelo final, depois do “viveram felizes para sempre?” É exatamente o que acontece na primeira história deste espetáculo dinamizado pela escritora e contadora de histórias Clara Haddad. E as outras histórias? Bem... Talvez não tenham pés nem cabeça!



**30 DE MARÇO — 11H00**

## Máquina de embrulhar poemas

por **O Som do Algodão**

E se uma máquina embrulhasse poemas, versos, cantigas e lengalengas? E se das máquinas brotassem poesia, gritos, canções? Nesta sessão, cada poema é uma paragem, é uma história e uma viagem, um enredo onde se embrulham poemas e coisas que rebentam da terra, que saltam

das nuvens e dos locais mais inesperados. Afinal a poesia é isso mesmo, a beleza desenfreada do inesperado. Esta sessão baseia-se nos poetas portugueses e reúne autores como Sophia de Mello Breyner Andresen, Matilde Rosa Araújo, Guerra Junqueiro, Eugénio de Andrade ou Manuel António Pina.



## Pode a cultura salvar o mundo? crónica por Patrícia Reis

A Literatura serve para incomodar, disse Agustina Bessa-Luís, e esse incómodo, a meu ver, é apenas um trampolim de promoção de pensamento, que vem apaziguar as nossas inquietações, suscitar mais perguntas. Foi o que Thomas Mann fez, há 100 anos, com o livro *A Montanha Mágica*, um clássico da Literatura a que convém regressar, para que possamos fazer uma radiografia de quem somos enquanto sociedade, o que mudámos, que receios se cumpriram.

Hoje não vivemos dentro de uma qualquer conceção de magia como a que o título de Mann preconizava, estamos antes dentro da magia da Inteligência Artificial e recusamos, por medo e comodismo, questionar os malefícios dessa fantasiosa vantagem. Vivemos na hipervelocidade que a aldeia global imprime e à qual obriga. Somos de todos os lados e de todas as pessoas. Não é possível reclamarmos isolamento, mas a solidão mantém-se. É neste refúgio de interrogações existenciais que a Cultura floresce e talvez seja aí que encontremos salvação.

Um qualquer ato artístico exige-nos duas coisas em perigo de extinção: tempo e concentração. Um leitor menos treinado talvez se atemorize perante o volume de um livro como *A Montanha Mágica*. Talvez prefira um consumo rápido, esquecendo-se de que precisamos de tempo para apreender, para ler todas as linhas e entender as propostas da Literatura maior.

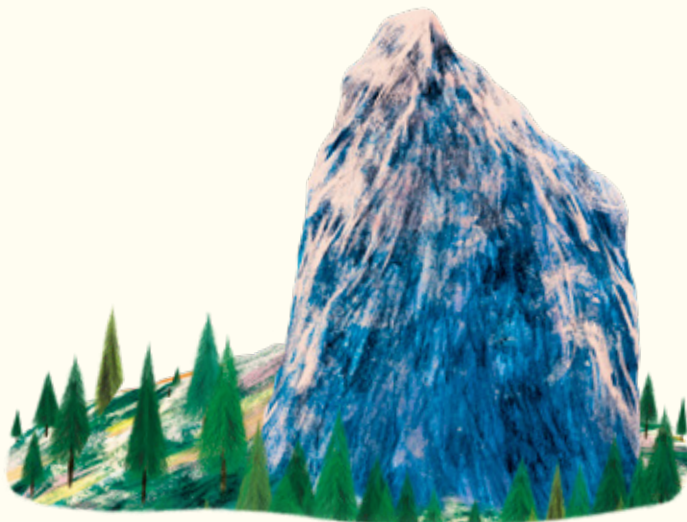
O que esse leitor porventura não saberá é que a riqueza que encontramos naquelas páginas é eclética, abarca uma variedade de incómodos, para regressar a Agustina, que só engrandecem. Pela mão de Hans Castorp revemos a noção de tempo, de liberdade, de poder; pensamos na política e na guerra, mergulhamos na introspeção do corpo e da morte. Entramos no domínio da filosofia, num encontro com o pensamento dominante da época. A Europa vivia em conflito e a ameaça da Primeira Guerra Mundial pressente-se no romance. Importa sublinhar que Mann escreveu *A Montanha Mágica* entre 1912 e 1924.

Perguntas universais – Quem somos? Para onde vamos? – fazem deste romance uma proposta formativa e, dentro dele, cabe o mundo e uma perspectiva da humanidade gerida por essa fatalidade que esculpe, constrói e destrói: o tempo. As perguntas mantêm-se.

A História prosseguiu nos seus ciclos de florescimento e de pobreza, sem repetições, contudo a humanidade debate-se, no século XXI, com o maior número de conflitos armados de sempre. E qual é o papel da Cultura?

É da essência artística uma qualquer proposta inovadora, literária, performativa, musical, no âmbito das artes plásticas. O artista reflete o seu tempo e, tantas vezes, antevê estados de alma, percursos que iremos trilhar. Regressar aos clássicos é perceber se revelam a consciência do seu tempo, se são historiadores do que lhes foi contemporâneo. Descobrir as propostas de hoje é fazer a mesma análise, é permitir que a beleza, ou a sua ausência, nos interpele; é enquadrar a História, ou as diferentes histórias que correm em paralelo, numa perspetiva outra.

A Cultura é esse boião de possibilidades, a obrigar a que nos mantenhamos alertas, em contacto, capazes de abraçar o inesperado, de ver para lá do que parece ser. O século XXI é o tempo do *parecer*, uma constante reinvenção pública de quem somos. Será essa realidade filtrada um benefício? Terá a nossa montanha a magia suficiente para garantir que estamos a viver o tempo com lucidez e abertura de espírito? As interrogações sucedem-se e por isso a Cultura nunca deixará de existir. Além do riso, é apanágio do ser humano contar histórias. É o que nos une, o que nos transforma. Portanto, à pergunta inicial, respondemos, sim, a Cultura salva.



### O Âmbito Cultural online

O Âmbito Cultural do El Corte Inglés está presente no Facebook e Instagram, pelo que poderá sempre consultar a nossa programação através do seu computador, *tablet* ou telemóvel. É lá que publicamos sugestões culturais, assim como todos os eventos organizados pelo Âmbito: desde cursos e conferências a concertos de música clássica, não esquecendo os lançamentos de livros, as sessões de autógrafos e as oficinas. Adicionalmente, poderá também visitar a nossa galeria fotográfica, onde guardamos o registo dos melhores momentos de cada sessão. Publique as suas fotografias e vídeos usando [#ambitoculturalpt](#). A programação e todas as informações sobre o Âmbito Cultural poderão ser igualmente consultadas na página [ambito-cultural.elcorteingles.pt](#)

#### Rede Social de Lisboa

Visite-nos em [facebook.com/AmbitoCulturalElCorteInglesLisboa](https://facebook.com/AmbitoCulturalElCorteInglesLisboa)



[instagram.com/ambitocultural.eci](https://instagram.com/ambitocultural.eci)

#### Rede Social de Gaia Porto

Visite-nos em [facebook.com/AmbitoCulturalElCorteInglesGaiaPorto](https://facebook.com/AmbitoCulturalElCorteInglesGaiaPorto)



[ambito-cultural.elcorteingles.pt](https://ambito-cultural.elcorteingles.pt)